

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA:
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E
LINGÜÍSTICA GERAL

JULIANA DA COSTA PACHECO

**As construções médias do português do Brasil
sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA:
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E
LINGÜÍSTICA GERAL

JULIANA DA COSTA PACHECO

**As construções médias do português do Brasil
sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e
Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Semiótica e Lingüística Geral

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Scher

São Paulo
2008

JULIANA DA COSTA PACHECO

**As construções médias do português do Brasil
sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

BANCA EXAMINADORA

Profa.Dra. Ana Paula Scher
Instituição: FFLCH – USP
Presidente

Profa. Dra. Esmeralda Negrão
Instituição: FFLCH – USP
Titular

Profa.Dra. Márcia Caçado
Instituição: UFMG – Externo
Titular

Aos meus pais, João Carlos e Nilze, ao meu irmão, Adolpho, e ao Sandro,
pelo carinho e apoio constante, por quererem sempre o melhor para mim.

À vovó (*in memoriam*), saudade infinita.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ana Paula Scher, pela confiança depositada em mim desde o início deste projeto, pela atenção, pelo apoio constante, pelo carinho nos momentos difíceis, pelos conselhos acadêmicos e não-acadêmicos.

Ao Departamento de Lingüística, por ter me proporcionado esta oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro necessário à realização desta pesquisa.

Aos Profs. Drs. de Graduação e Pós-graduação do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo, por terem sedimentado as bases sólidas necessárias à realização deste trabalho. Agradeço especialmente a Profa. Dra. Esmeralda Negrão, com quem tive meu primeiro curso de Sintaxe, pelo apoio, atenção e infinita paciência.

Aos funcionários do Departamento de Lingüística: Érica, Ben Hur e Robson, por terem feito minha vida mais fácil e divertida. À Érica, por ter salvo minha vida acadêmica incontáveis vezes e por me ouvir ‘choramigar’; ao Bem Hur, pela atenção, carinho, paciência e palavras de apoio e ao Robson, pela inesgotável paciência ao agüentar nossas ‘bagunças’ no departamento e pelo senso de humor.

Aos amigos e colegas do Programa de Pós Graduação em Semiótica e Linguística Geral, pelo apoio e incentivo. Em especial ao Rafael e a Sonia, por serem absolutamente insuportáveis. Ao Julio, Lídia e Renata, pela amizade que espero ser duradoura. Meus mais sinceros agradecimentos pelas conversas sérias e pelas horas de lazer.

Ao Sandro, com todo meu amor, pelo apoio constante, pelo incentivo nos momentos difíceis, pelo carinho e por ter até mesmo aprendido o que são construções médias.

À minha família, em especial aos meus pais, sem os quais eu nada seria. Agradeço por nunca terem medido esforços para que eu pudesse estudar, pelo apoio emocional, intelectual e financeiro. Ao meu irmão, por tudo.

À vovó (*in memoriam*), por tudo e mais um pouco.

“The limits of my language mean the limits of my world”
Ludwig Wittgenstein

Resumo

O propósito deste estudo é descrever e analisar o comportamento de sentenças médias no português do Brasil (PB), tais como *Dissertação de mestrado não se escreve fácil* e *Cachecol tricota rápido*. Muito têm-se discutido a respeito das construções médias, em diversas línguas, visto que elas agregam em si uma complexa relação entre a sintaxe, a semântica e, para alguns, o léxico. Foi a extensa bibliografia – e a sempre presente discordância entre autores – a respeito dessas construções que despertou nosso interesse em trabalhar com esse tema.

Entretanto, descrever as construções médias do português Brasileiro revelou-se uma tarefa das mais árduas. Explica-se: há dois fatores de grande importância para a descrição dessas sentenças que estão em aparente mudança nesse idioma. O primeiro desses fenômenos é a mudança no uso dos clíticos que, de modo geral, está diminuindo em nossa língua (Tarallo (1983), Nunes (1990, 1995), Cyrino (1992, 2003), Fernandes (2000)). O segundo fenômeno é o fato de o português do Brasil estar passando por um processo generalizado de mudança na classe dos verbos de alternância transitiva, já apontado na literatura (Whitaker-Franchi (1989), Chagas (2000), Viotti & Negrão (2006)).

Tendo como perspectiva teórica a Morfologia Distribuída, um dos recentes desenvolvimentos da Gramática Gerativa, acreditamos poder dar um tratamento unicamente sintático, mais enxuto e uniforme do que as propostas de análise até hoje sugeridas.

Fundamentando-nos no trabalho de Marantz (1997), no qual o autor propõe que uma interpretação agentiva de um determinado sintagma pode ser devida, não somente à presença de um núcleo verbal, mas também a informações sintático-semânticas da própria raiz participante da construção. além de baseando-nos na combinação das características sintático-semânticas das

raízes envolvidas na construção. Também, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005) hipotetizam, seguindo Kratzer (2002), em favor de decompor os verbos alternantes em uma raiz, um núcleo de causa e um núcleo de voz.

Os dados do PB, vistos pela perspectiva da Morfologia Distribuída, nos permitirão ir adiante nas pesquisas sobre o tema específico que desenvolveremos neste trabalho e, ao mesmo tempo, trarão novas evidências e questionamentos a respeito da teoria que apóia este projeto.

Palavras-chave: Construções médias; alternâncias de diátese; estrutura argumental; Morfologia Distribuída; Gramática Gerativa.

Abstract

The purpose of this study is to describe and analyse the Middle Construction in Brazilian Portuguese, such as '*Dissertação de mestrado não escreve fácil*' and '*Cachecol tricota rápido*'. Linguists, working with data from several languages, have discussed extensively about these constructions, because they aggregate in them a complex relationship between syntax, semantics and, in some analysis, the lexicon. It was the comprehensive bibliography – and the presence of great discrepancy between authors – about these constructions that awakened our interest in working with this theme.

However, describing these constructions in Brazilian Portuguese proved to be one of the most arduous tasks, since there are two factors of great importance to the description of those sentences that are in apparent change in our language. The first of these phenomena is the change in the use of clitics, which, in general, is decreasing in Brazilian Portuguese (Tarallo (1983), Nunes (1990, 1995), Cyrino (1992, 2003), Fernandes (2000)). The second phenomenon is the fact that this language is going through a process of widespread change in the class of alternating transitive verbs, already identified in the literature (Whitaker-Franchi (1989), Chagas (2000), Viotti & Pollini (2006)).

Having as theoretical framework a theory of the architecture of grammar known as Distributed Morphology, one of the recent developments of Generative Grammar (Chomsky, 1960, 1965), we believe we can offer a syntactic treatment, more economical and more uniform than the proposals of analysis suggested so far. Our analysis is fundamented in the proposal from Marantz (1997), who argues that an agentive interpretation for a given phrase may be due, not only to the syntactic presence of a verbal head, but also to the presence of relevant syntactic-semantic

features of the root. Also, Alexiadou, Anagnostopoulou and Schäfer (2005) hypothesizes, along with Kratzer (2000), in favor of decomposing verbal meaning in a root, a causation head and a Voice head.

The data coming from Brazilian Portuguese middle constructions, seen by the perspective of Distributed Morphology, can help the research on this specific topic to develop and, at the same time, bring new evidence and questioning about the theory that supports this project.

Keywords: Middle constructions; diathesis alternations; argument structure; Distributed Morphology; Generative Grammar.

1. Introdução.....	14
2. As construções médias do português do Brasil.....	23
2.1 O conceito de voz gramatical	23
2.2 A voz média.....	25
2.3 As construções médias.....	27
2.4 As Construções médias do português brasileiro.....	28
3. Análises anteriores propostas para o fenômeno medial.....	40
3.1 Médias como resultados de processos sintáticos.....	40
3.1.1 A proposta de Keyser & Roeper (1984)	41
3.1.2 Problemas apresentados pela proposta de Keyser e Roeper (1984)	44
3.1.3 A proposta de Stroik (1992, 1999)	49
3.1.4 Críticas à proposta de Stroik (1992, 1999).....	51
3.2 Médias como resultados de processos pré-sintáticos	52
3.2.1 A proposta de Ackema & Schoorlemmer (1995).....	52
3.2.2 Problemas da proposta de Ackema e Schoorlemmer	55
3.2.3 A proposta de Rodrigues (1998).....	56
3.2.4 Problemas com a proposta de Rodrigues.....	60
4 A Morfologia Distribuída.....	61
4.1 Pressupostos teóricos.....	61
4.2 Um exemplo contra propostas lexicalistas: Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005	66
5 Uma proposta de análise para as Construções Médias do PB.....	75
5.1 Dois fatos linguísticos que indicam a presença sintática do argumento externo.....	75
5.1.1 Sentenças de finalidade	76
5.1.2 Modificação por advérbios orientados ao sujeito	79
5.2 Interpretação agentiva independente da expressão sintática do agente.....	82
5.3 Agentividade e causação – diferenças sintático-semânticas presentes na denotação da raiz	84
5.3.1 A evidência das nominalizações	85
5.3.2 Informações sintático-semânticas presentes na raiz	90
5.4 Uma estrutura para as construções médias	91
5.4.1 Núcleos v1 e v2	91
5.4.2 VoiceP	95
5.4.4 As Médias do PB	103
6. Considerações Finais	106
Bibliografia.....	109

1. Introdução

Em lingüística, ‘valência’ refere-se ao número de argumentos selecionados por determinado predicado. A valência verbal é o número de argumentos que um verbo subcategoriza. Um fato que sempre intrigou os lingüistas é que certos verbos podem mudar sua valência ou sua diátese. O termo ‘alternância de diátese’ refere-se ao fenômeno no qual determinados verbos tomam parte em diferentes estruturas de subcategorização. A diátese indica a orientação da forma como os actantes são expressos (Souza, 1999). O problema teórico apresentado por esse fenômeno é como codificar e explicitar as restrições em relação a essa alternância para os diferentes verbos. Dessa maneira, a questão apresentada por alternâncias de diátese verbal tem sido motivo de grande interesse nos estudos gramaticais. Entender como e por que alguns verbos modificam sua estrutura formal e conceitual nos permite verificar o alcance e a validade de teorias propostas para o estudo da Gramática Universal.

Inserindo-se no âmbito dessas alternâncias de valência, esta presente pesquisa pretende ser um desenvolvimento de trabalhos anteriores acerca de um tipo de alternância de transitividade conhecida na literatura como alternância média, caracterizada, no português do Brasil (PB), por sentenças como as exemplificadas em (1).

(1)

- a. Dissertação de mestrado não se escreve fácil.
- b. Documento confidencial não arquiva em qualquer lugar.
- c. Galinha mata rapidinho.

- d. Esse livro do Monteiro Lobato se lê num piscar de olhos.
- e. Textos em Latim não traduzem com facilidade.

Muito têm-se discutido a respeito das construções médias, visto que elas agregam em si uma complexa relação entre a sintaxe, a semântica e, para alguns, o léxico. Foi a extensa bibliografia – e a sempre presente discordância entre autores – a respeito dessas construções que despertou nosso interesse em trabalhar com esse tema.

Entretanto, descrever as construções médias do PB revelou-se uma tarefa das mais árduas. Explica-se: há dois fatores de grande importância para a descrição dessas sentenças que estão em aparente mudança nesse idioma. O primeiro desses fenômenos é a mudança no uso dos clíticos que, de modo geral, está diminuindo em nossa língua (Tarallo (1983), Nunes (1990, 1995), Cyrino (2003), Fernandes (2000)). Dessa maneira, julgamentos e interpretações estão sujeitas à maneira pela qual cada falante/dialeto lida com esse elemento. Nos parecia que falantes faziam um uso irregular do clítico, ora usando-o, ora não o fazendo em contextos idênticos. Como apontaremos adiante, essa aparente irregularidade terá reflexos importantes para a descrição e análise das sentenças médias do PB.

O segundo fenômeno que coloca dificuldades para a descrição dessas construções é a mudança na classe dos verbos de alternância transitiva. Já foi apontado na literatura (Whitaker-Franchi (1989), Souza (1999), Viotti & Negrão (2006)) que o PB está passando por um processo generalizado de mudança da diátese de alguns verbos. Negrão & Viotti (2006) apontam que “*in Brazilian Portuguese, several different types of verbs allow for thematic changes and syntactic realizations of their argument structure, which, in European Portuguese, and in several other Indo-European languages, are either impossible or restricted to a specific verb class.*” (Negrão & Viotti, 2006 – página 1). Ainda, Wittaker-Franchi (1989), em sua dissertação, afirma que podemos

“(…) falar, de um certo modo, que as construções ergativas constituem um processo sintático em expansão no português do Brasil, particularmente na modalidade coloquial considerada.”

(Wittaker-Franchi, 1989 – página 27). A autora também aponta que o inverso é verdadeiro, há evidências de que verbos intransitivos passam por um processo inverso de causativização, como vemos por meio de alguns de seus exemplos, abaixo:

(2)

- a. Não consegui sair o carro da garagem.
- b. Eu vou almoçar o nenê e depois saio.
- b. Essa escova, não; porque ela dói a cabeça (Wittaker-Franchi, 1989; ex. (38))

Esses dois fenômenos, apesar de aparentemente distintos, influenciam diretamente a formação das construções médias do português do Brasil. Dessa maneira, para determinar o que é uma construção média no PB é necessário ter em mente esses fatos do PB. Ainda, no que diz respeito ao uso dos vários clíticos de nosso idioma, em especial o clítico SE que pode estar presente nas orações médias, é importante notar que há variações dialetais afetando a interpretação de seu uso.

Os exemplos abaixo ilustram os fatos que mencionamos acima, isto é, a utilização dos clíticos em nosso idioma e também a variação na diátese de certos verbos ou grupos de verbos. Notemos que em (3), podemos ver a substituição dos pronomes oblíquos de 1ª e 2ª pessoa por aquele destinado à 3ª pessoa. Nos exemplos em (4) evidencia-se a supressão do clítico pronominal oblíquo. Em (5), notamos o uso intransitivo de verbos tipicamente transitivos e, por fim, em (6), vemos a transitivização de verbos tipicamente intransitivos.

(3)

- a. Eu ando toda roxa porque eu to SE batendo toda, toda hora, o tempo todo.
- b. É mais ou menos 15 minutos para mim SE vestir e SE maquiar, todos os dias.
- c. Eu queria SE entender com ela.¹

(4)

- a. Eu vou esconder na mala dele e aí eu vou junto na viagem.

(Eu vou ME esconder na mala dele...)

- b. Vocês vão hospedar aqui, é?

(Vocês vão SE hospedar...)

- c. Eu arrumo rapidinho, ‘perai’.

(Eu me arrumo...)

(5)

- a. “Pára de tomar remédio que senão seu estômago vai ficar destruído...

— Não, meu estômago não destrói não, posso tomar quanto remédio for!”

- b. “Acho que o telefone tá quebrado, ele não tá atendendo.” (o telefone em questão tocava, mas não era possível atender uma ligação nele, pois a linha ficava muda).

- c. “A agenda dessa semana já organizou?”

- d. “Toda a saia já bordou, só falta agora o véu, que também tem bordado!”

(6)

- a. “Tem que tomar cuidado, senão você desmorona tudo!”

- b. “Quantos comunistas você desapareceu?”

- c. “Dá para ir o banco pra frente?”²

¹ SILVEIRA (2007), em ANAIS DO SETA, Número 1, 2007.

Esses fatos, que, como já mencionamos, apresentam-se aparentemente independentes uns dos outros, na realidade, podem revelar muitas propriedades comuns. É notável que todos eles estão intimamente relacionados a alterações na estrutura de argumentos desse idioma. Desse modo, também, é certo que eles influenciam diretamente a formação das construções médias.

Acreditamos que os dois fenômenos discutidos acima precisam ser estudados em mais profundidade. Entretanto, nosso tema de pesquisa constitui apenas uma pequena parte desse universo de fatos lingüísticos. É nosso interesse aqui descrever e analisar o fenômeno medial em nossa língua portuguesa. Para tanto, voltamo-nos a uma teoria que, em nossa opinião, está ajudando a descrever e reanalisar diversos fenômenos, em diversas línguas, sob uma perspectiva diferente e, talvez, mais refinada que em modelos anteriores (Embick, 1996; Lidz, 1999; Bhatt e Embick, 2004;).

A arquitetura da gramática como concebida pela Morfologia Distribuída (doravante DM, do inglês '*Distributed Morphology*') nos permite oferecer uma análise distinta e inédita para o fenômeno medial do PB. A DM é uma teoria sobre a arquitetura da gramática, proposta no início da década de 1990, por Morris Halle e Alec Marantz, que vem sendo desenvolvida desde então, em trabalhos desses autores e de seus colegas e alunos.

Dentro dessa teoria, novas e interessantes assunções vêm sendo feitas a respeito da estrutura argumental dos verbos (Marantz, 1997; Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005). Explica-se: a DM trabalha com a idéia de raízes acategoriais e não de entradas lexicais verbais. Para a formação de um verbo, diferentes núcleos funcionais verbalizadores têm a possibilidade de

² Os exemplos em (4), (5) e (6) foram coletados por mim. Foram sentenças produzidas por amigos e familiares.

combinar-se com uma raiz, resultando em um verbo transitivos, intransitivo etc. Possibilidades e restrições à junção de determinadas raízes a núcleos funcionais dependem das exigências sintático-semânticas da raiz em questão. Dessa forma, trabalhando dentro do arcabouço teórico da DM, entendemos que poderia ser produtivo revisar análises anteriores a respeito desse tipo de construção tendo por guia uma nova perspectiva teórica.

Essa teoria entende que tanto sentenças, quanto palavras, são formadas na sintaxe, isto é, não é necessário recorrer a um sistema computacional lexical para a formação de palavras e a um outro sistema, também gerativo, para formar sentenças. Dessa forma, dá-se que a Sintaxe maneja raízes e morfemas, os quais são categorias abstratas definidas por traços universais. Assim, no modelo sugerido pela DM não é necessário postular a existência de um Léxico que, como a Sintaxe, é visto, em teorias lexicalistas, como um sistema computacional dotado de regras próprias. A DM elimina essa necessidade ao esclarecer de que forma a Sintaxe é capaz de formar sentenças e também palavras.

Essa hipótese a respeito da arquitetura da gramática fundamenta-se na idéia de que elementos sintáticos e morfológicos entram no mesmo tipo de estrutura de constituintes, isto é, não há níveis diferentes de derivação para palavras e para sentenças, toda derivação ocorre na Sintaxe e, portanto, não há um Léxico. Entende-se que a Sintaxe manipula raízes acategoriais. Por exemplo, para um verbo da classe de verbos alternantes, como *derreter*, existe uma única raiz $\sqrt{\text{derret-}}$ e não duas entradas lexicais, uma correspondendo à forma transitiva e outra, à forma intransitiva. O fato de poder ela derivar um verbo transitivo ou intransitivo, um adjetivo (“Eu gosto de sorvete **derretido**”) ou um nome (“Qual o efeito do **derretimento** das calotas polares?”) depende do tipo de estrutura sintática na qual ela será inserida. Entendemos, portanto, que não existem categorias gramaticais, apenas raízes – que são neutras em termos categoriais – e núcleos funcionais – que são responsáveis por transformar uma raiz em um verbo, nome etc.

Portanto, tendo por base a perspectiva teórica brevemente descrita acima, interessa-nos, neste estudo sobre a natureza das construções médias em PB, entender como e porque o que são e como são formadas as construções médias de nossa língua. Observemos os exemplos abaixo:

(7)

- a. O João arquivou aqueles documentos confidenciais.
- b. *O documento confidencial arquivou.
- c. Documento confidencial não se arquiva, se queima.

(8)

- a. O João escreveu o texto de lingüística.
- b. *O texto de lingüística escreveu.
- c. Texto de lingüística se escreve com facilidade.

(9)

- a. O João constrói prédio, ele trabalha numa grande construtora em São Paulo.
- b. ?O prédio construiu no ano passado.
- c. Prédio (se) constrói rápido hoje em dia.

(10)

- a. A Maria quebrou o copo de cristal.
- b. O copo de cristal quebrou ontem no jantar.
- c. Copo de cristal quebra fácil.

Por meio dos exemplos acima, podemos notar que determinados verbos intransitivizam-se somente no ambiente medial (compare (7) e (8) com (9) e (10)). A pergunta que surge a partir da observação desses dados é por que, com certos verbos, a única alternância passível de realização é a alternância transitiva/média? O que há de especial nesse tipo de estrutura que permite tal alternância? Quais as características dos verbos que tomam parte nesse fenômeno? Que núcleos funcionais a ele aplicam-se? Essas são algumas das questões que fundamentam o nosso trabalho.

É fato que o comportamento peculiar dessas construções faz com que uma descrição cuidadosa dos dados, bem como a busca de uma hipótese explicativa para os problemas que eles apresentam, ganhem certa relevância dentro do modelo com o qual iremos trabalhar. Além disso, uma vez que um dos propósitos da Gramática Gerativa é conseguir explicar o funcionamento das línguas naturais, acreditamos que uma boa hipótese explicativa das construções médias pode também contribuir para esse fim.

Neste presente trabalho, nos concentraremos em analisar os dados do PB tendo como guia três pontos principais de discórdia sempre presentes nas discussões a respeito das construções médias (e foi o fato de haver muita discussão na literatura que despertou nosso interesse em estudar mais a fundo a questão medial). Essa evidente discórdia dá-se em relação a três problemas centrais para o entendimento de tais construções: (i) médias têm o argumento externo ativo sintaticamente vs. médias não têm esse argumento ativo; (ii) independentemente de terem ou não um argumento externo ativo sintaticamente, médias têm um agente implícito em algum nível da derivação vs. médias não têm um agente implícito e (iii) médias são resultado de um processo lexical vs. médias são o resultado de um processo sintático.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. No capítulo seguinte nos dedicamos a descrever os dados relevantes para nosso trabalho, apontando as peculiaridades das construções médias no PB, tendo antes feito uma breve apresentação sobre o conceito de voz e voz média

que, como esperamos que fique claro, é um conceito gramatical diferente do que chamamos construção medial. Em seguida, no capítulo três, apresentamos algumas propostas anteriores de análise, bem como os problemas por elas apresentados. No capítulo quatro nos dedicamos a explicar a teoria que fundamenta esse trabalho. No capítulo cinco nosso objetivo é oferecer uma hipótese explicativa para dar conta das peculiaridades da construção medial na língua portuguesa. Por fim, no último capítulo apresentaremos nossas conclusões e também as questões que ficaram abertas.

2. As construções médias do português do Brasil

2.1 O conceito de voz gramatical

A voz de um verbo, definida de maneira simples, é o relacionamento entre o sujeito gramatical de uma sentença e a ação ou estado expresso pelo verbo. As várias vozes indicam diferentes possibilidades de relacionamento entre o sujeito e o predicado verbal. De acordo com Klaiman (1991), o estudo da voz gramatical remete à Panini, em sua descrição da gramática do Sânscrito (500 a.C.). Nesse trabalho, são descritas distinções nos significados e nos paradigmas flexionais associados com a oposição entre a voz ativa e a voz média do verbo Sânscrito. Dessa forma, entende-se que a descrição e análise da voz é um dos mais antigos tópicos de estudo gramatical.

Notemos que a voz lingüística refere-se à uma categoria do verbo. Seu estatuto pode ser, dessa maneira, comparado com outras categorias verbais como tempo, aspecto e modo. A voz gramatical manifesta-se de maneira que as alterações nas formas verbais apontam alterações nas configurações de nomes/substantivos com os quais o verbo mantém uma relação particular.

Nos estudos gramaticais clássicos a respeito, por exemplo, do Grego e Latim³, as estruturas dessas línguas são geralmente analisadas em relação a dois fatores. O primeiro são os itens lexicais propriamente ditos, que são organizados de acordo com classes lexicais. O segundo fator é a variação paradigmática nas formas de certos itens de acordo com certas funções

³ Tais estudos ainda têm grande influência sobre a descrição e análise das línguas modernas.

gramaticais. A voz, assim como tempo, aspecto e modo, é reconhecida como uma categoria gramatical da classe lexical dos verbos. A terminologia tradicional faz alusão às diferentes maneiras como o verbo pode ‘soar’ (a ‘vox’ do Latim), isto é, a seu repertório de formas; ou a variações na disposição do verbo (a ‘diathesis’ do grego) de acordo com alterações na sua relação com argumentos sentencias.

Ainda, segundo o autor, nos estudos lingüísticos atuais, muitas gramáticas associam as funções da voz com alternâncias no ponto de vista codificado em estruturas que são tanto formal, quanto logicamente transitivas. Entretanto, é importante que se entenda que, apesar de essa noção de voz ser corrente nos atuais estudos lingüísticos, nas línguas clássicas indo-européias a noção de voz não está, necessariamente, associada à transitividade: segundo Klaiman, nessas línguas clássicas, alternâncias de voz não estão restritas a verbos transitivos. Transitividade, no sentido lógico, significa que a situação denotada na predicação envolve dois participantes; enquanto que transitividade no sentido estrutural significa que a predicação inclui nominais em pelo menos dois papéis semânticos, tais como Agente e Paciente.

De acordo com a visão de voz, como adotada nos estudos lingüísticos atuais, uma situação transitiva pode, em princípio, ser projetada gramaticalmente a partir de dois pontos de vista, correspondendo a duas vozes de um verbo. Uma dessas vozes codifica a realização de uma ação (Michael (1970), apud Klaiman (1991)). Essa voz é chamada ATIVA porque a ação se desenrola a partir do ponto de vista do participante mais dinâmico, ou ativo, envolvido na situação, tipicamente o agente. A segunda dessas vozes codifica a ação que se desenvolve a partir do ponto de vista do participante não-dinâmico, estático, como o paciente de um verbo transitivo. Segundo Lyons (1968), a essa voz dá-se o nome PASSIVA porque o verbo é retratado como “*signifying the state of ‘being acted upon’ or ‘suffering the effects of the action’*” (Lyons, 1968, p.372).

2.2 A voz média

Ainda, é reconhecida pelas gramáticas uma terceira voz, a voz média. O termo voz média refere-se a uma categoria flexional, ou seja, uma das marcas de flexão do verbo em línguas Indo-européias clássicas como, por exemplo, o grego Antigo e o Latim. Segundo Camacho (2003) “a voz média representa uma categoria flexional das línguas clássicas indo-européias com a função de expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus interesses”. Ainda, o autor explica que:

[...] nas línguas IE [indo-européias], a noção gramatical que interpreta a integração do sujeito no estado de coisas era assinalada por flexões especiais próprias, numa construção chamada média pelos gramáticos gregos (porque distante do pólo da ativa e do pólo da passiva). Em latim, os verbos depoentes provêm em parte dessas flexões mediais, mas já sem a sua noção específica, o que propiciou a passagem desses verbos para a ativa nas línguas românicas, e o desenvolvimento da construção pronominal para representar a noção perdida. Verbos depoentes tinham uma forma especial distinta da ativa; era idêntica à da passiva, mas com outra significação: indicava um valor reflexivo-recíproco ou medial. (Camacho, 2003, p. 3 e 4, nota 1).

Segundo Souza (1999), essa voz é entendida como uma categoria intermediária que mostra características tanto da ativa quanto da passiva. Na voz média, o ponto de vista é ativo, visto que a ação desenvolve-se a partir da visão nocional do participante mais dinâmico na situação, ou seja, o agente. Mas, ao mesmo tempo, esse participante dinâmico tem características de paciente, no sentido em que ele sofre, é atingido ou afetado, pelos principais efeitos da ação. O termo voz média surgiu exatamente por ela ter um caráter híbrido.

A voz média em grego antigo, de onde surgiu a denominação, era assim chamada por apresentar um caráter híbrido quando comparada à ativa e à passiva. Na voz ativa, temos, muito grosso modo, sujeitos agentes, que praticam a ação do verbo, e na voz passiva, sujeitos pacientes, que são afetados pela ação do verbo. (Souza, 1999, p. 26)

Foi por meio da observação de exemplos como os em (11) e (12), do grego antigo, que gramáticos gregos passaram a denominar essa forma verbal de voz média (exemplos de Arcaini e Galetto, 1990, apud Souza, 1999, p.26):

(11) Voz ativa

Ho hieréus thúei.

o sacerdote sacrificar-3p.sg.ativa

‘o sacerdote faz sacrifícios (em benefício de outro (s))’

(12) Voz média

Xenofon thúetai.

Xenofonte sacrificar-3p.sg.média

‘Xenofonte faz sacrifícios (em seu próprio benefício)’⁴

2.3 As construções médias

Mais recentemente, nos estudos lingüísticos referentes, no geral, às línguas indo-européias modernas, especialmente aqueles feitos dentro do âmbito de estudos da GRAMÁTICA GERATIVA (cf. Chomsky, 1960, 1965; e trabalhos subseqüentes), referência é feita, no âmbito das alternâncias de diátese, à uma CONSTRUÇÃO MÉDIA ou MEDIAL. De uma maneira geral, podemos dizer que a construção média está ‘no meio’, entre, uma construção que apresenta a forma ativa e uma construção que apresenta a forma passiva, visto que o verbo, na construção média, apresenta-se na forma ativa, enquanto que seu sujeito é, na verdade, o paciente, aquele que sofre a ação expressa pelo predicado.

Portanto, um verbo que parece ativo mas que tem, como seu sujeito gramatical, seu objeto lógico, é entendido, por muitos autores (Keyser e Roeper, 1984; Ackema e Schoonermer, 1994. Stroik, 1999), como caracterizando uma construção média. Por exemplo, na sentença *Carne prepara rápido*, ‘prepara’ mostra-se sintaticamente ativo, mas semanticamente passivo. Essas sentenças não implicam que haja a afetação reflexiva do sujeito lógico do verbo, como na voz média do grego clássico ou do latim. Aquilo que é afetado em construções como *Sapatinho de bebê tricota rápido* ou *Dissertação de mestrado não se escreve fácil* é o objeto lógico do verbo, promovido à posição de sujeito gramatical. São sentenças dessa natureza, cujo estatuto é discutido por diversos autores (op.cit.), que correspondem ao tema desta dissertação.

⁴ Exemplos (50) e (51) de Souza, op.cit.

2.4 As Construções médias do português brasileiro

A literatura sobre construções médias nas línguas naturais (cf. Keyser e Roeper, 1984; Ackema e Schoonermer, 1994. Stroik, 1999 etc.) aponta as seguintes características como particularidades que definem uma sentença média:

- (i) o caráter não-episódico e a restrição de tempo genérico;
- (ii) a interpretação de propriedade do sujeito que o predicado recebe;
- (iii) a necessidade da presença de um modificador (advérbio, negação, entonação etc);
- (iv) a interpretação de que há um agente implícito.

No início do nosso estudo – tendo por base trabalhos a respeito das orações médias voltados para outras línguas e também o trabalho de Rodrigues (1998), feito com base nos dados oferecidos pelo PB – exemplificávamos a alternância transitivo/média com sentenças como as em (13).

(13)

- a. Copo de cristal (se) quebra fácil.
- b. Esse portão (se) fecha rapidamente.
- c. Esses prédios (se) constroem rapidamente hoje em dia.

- d. Texto em português (se) lê rapidinho, mas em francês não.

Na descrição dos dados do PB, sempre apontamos aos leitores a importância de separar as construções médias das construções ergativas, exemplificadas em (14). Sempre fizemos a observação que os verbos formadores de ergativas seriam uma subclasse daqueles que formam médias (conf. Keyser & Roeper, 1984), pois entendíamos que o conjunto de verbos que participam da alternância ergativa seria mais restrito do que aqueles que participam da alternância média.

(14)

- a. O copo de cristal quebrou.
- b. Esse portão fechou rapidamente.
- c. ?Esses prédios construíram.
- d. *O texto em português leu rapidinho.

Keyser & Roeper (1984), para citar um exemplo, diferenciam verbos médios de verbos ergativos, mas acreditam que essas duas classes formam orações médias. Segundo sua interpretação, as sentenças em ambos os exemplos abaixo são médias.

(15)

- a. The door opens easily.
- b. The car moves easily.
- c. The bottle breaks easily.
- d. The clothes hang easily.

(16)

- a. The bureaucrats bribe easily.
- b. The floor paints easily.
- c. The book translates easily.
- d. The chickens kill easily.

We take the position throughout that there is no difference between these two groups of sentences. We believe that all of these structures are equally grammatical and that they all belong to the middle class of verbs. For instance, (5d) [exemplo (15)d, acima] implies that it is easy for someone to hang clothes, whereas there is absolutely no implied agent in the ergative (7) [The clothes are hanging on the line]. (Keyser e Roeper, 1984, p.383)

Por outro lado, os autores esforçam-se para diferenciar pares transitivos/médios de pares transitivos-ergativos. Como explicaremos mais detalhadamente adiante, Keyser e Roeper sugerem que os pares ergativos são formados lexicalmente, enquanto que os pares médios são formados sintaticamente. Alguns verbos só formarão pares ergativos, ao passo que outros formarão pares ergativos e também médios.

Os próprios autores notam que há inúmeras diferenças entre os verbos médios e os ergativos do inglês. Por exemplo, verbos ergativos podem participar de construções no presente progressivo, enquanto que médios não o fazem; verbos ergativos (na forma intransitiva da alternância) não precisam de nenhum modificador, ao passo que verbos médios (na forma intransitiva da alternância) requerem a modificação.

(17) Ergativos

- a. The boat is sinking.
- b. The boat sinks.

(18) Médios

- a. *Bureaucrats are bribing.
- b. *Bureaucrats bribe.

Por fim, parece-nos duvidoso o estatuto do agente implícito em médias formadas por verbos ergativos.

(19)

- a. Boats sink all by itself.
- b. *Bureaucrats bribe all by itself.

Em relação ao PB, visto que nosso idioma apresenta características bastante singulares no que diz respeito à estrutura argumental das sentenças (conf. Whitaker-Franchi (1989), Chagas (2000), Viotti & Negrão (2006, 2008)), percebemos que não poderíamos basear o estudo das sentenças médias em estudos feitos para outras línguas, mesmo que românicas.

Essa diferença entre o PB e outras línguas com as quais comparávamos (e tentávamos equiparar) os dados, incluindo o português Europeu (PE), dá-se em relação ao modo como o PB organiza os argumentos de determinados verbos ou classes de verbos, permitindo alterações em suas diáteses, alterações estas que não são possíveis – ou são restritas a verbos específicos – em outras línguas românicas, incluindo o PE, e também no inglês.

Negrão & Viotti (2008), por exemplo, investigam, em seu trabalho mais recente, as estratégias de impessoalização no PB e, dentro desse tema, discutem as particularidades das construções de alternância causativa⁵. Como já mencionamos na introdução desta dissertação, as autoras sugerem que o PB passa por um processo de expansão da classe de verbos que aceitam essa alternância. Segundo as autoras:

[...] Em um primeiro momento, poderíamos julgar estranha essa ordem de constituintes em sentenças com verbos como construir, que não são, em princípio, considerados membros da classe de verbos de alternância causativa. Dessa maneira, uma sentença como Aquelas casas do outro lado da rua se construíram há muito tempo não seria facilmente aceitável no português brasileiro contemporâneo. Tenderíamos a achar que, sem o clítico se (Aquelas casas do outro lado da rua construíram há muito tempo), a sentença seria ainda menos aceitável. Entretanto, sentenças como essas têm sido atestadas no português brasileiro contemporâneo, o que nos faz pensar que a classe dos verbos de alternância causativa, nessa língua, está em expansão [...]. (Negrão e Viotti, 2008, p.184 – grifo nosso).

Dados esses fatos – as diferenças entre sentenças médias formadas por verbos ergativos e aquelas formadas por verbos médios e a expansão da classe de verbos de alternância ergativa – o que parece, sim, ocorrer é o oposto: no âmbito de alternâncias de diátese, a alternância transitivo-média tem um estatuto especial, isto é, a alternância média tem como alvo verbos de uma classe específica, que só participam dessa única alternância, não podendo ser intransitivizados em

⁵ Tratamos as ‘construções de alternância causativa’ neste trabalho como ‘construções de alternância ergativa’, ou simplesmente, ‘construções ergativas’, seguindo a literatura corrente a respeito da alternância medial (cf. Keyser e Roeper, 1984).

nenhum outro contexto. Identificamos esse grupo de verbos como ‘tipicamente agentivos’ ou verbos que necessitam de um ‘agente-controlador’. Verbos agentivos são aqueles que selecionam como seu sujeito elementos que têm a capacidade de desencadear a ação denotada pelo predicado e que, também, têm controle sobre essa ação. Ciríaco (2007), fundamentando-se na proposta de Cançado (2003, 2005) para explicar os papéis temáticos, expõe que “*a propriedade de ser o DESENCADEADOR é definida como ter algum papel no desenrolar do evento*”. Já “[...] *a propriedade de CONTROLE⁶ é definida [...] como a capacidade de se interromper uma ação, um processo ou um estado, estando intimamente relacionada a animacidade*” (Ciríaco, 2007, p. 34 a 40, grifo nosso).

Veja que em inglês, sentenças com os verbos ‘*destroy*’ e ‘*translate*’ – verbos que denotam uma mudança de estado causada externamente (Levin, 1993), mas não necessariamente agentiva – como ‘*Gardens destroy easily*’ e ‘*The book translates easily*’ são intransitivas apenas em um contexto médio, mas nunca ergativas, ‘**The garden destroyed*’ e ‘**The book translated*’. Por outro lado, em PB, essas e diversas outras sentenças são perfeitamente aceitáveis no contexto ergativo:

(20)

- a. O livro do Chomsky já traduziu para o português?
- b. O jardim destruiu com a reforma no mês passado.
- c. Essa casa construiu no começo do século.
- d. Os livros já venderam todos.
- e. A saia costurou.

⁶ A autora explica que a propriedade de CONTROLE ocorre apenas associada a alguma das outras três propriedades relevantes para definir-se o papel temático de um argumento, que são, além do CONTROLE, DESENCADEADOR, AFETADO e ESTATIVO.

- f. A blusa bordou bem bonitinha.

Desse modo, uma dúvida estava sempre presente na descrição das médias do PB: como saber o que é uma sentença média e uma sentença ergativa genérica? Como distingui-las? O que havia de especial a respeito das construções médias que justificava mais um estudo a seu respeito? Por que dar tanta importância a essa alternância se, como já bem documentado, o PB permite inúmeras alterações na estrutura das sentenças? As orações em (21) são exemplos de construções que colocavam em dúvida o estatuto das médias no PB, incluindo, nesse grupo, as sentenças apresentadas em a, b e c (aquelas que apresentávamos aos leitores como médias), repetidas aqui em (21)a, (21)b e (21)c.

(21)

- a. Copo de cristal quebra fácil.
- b. Esse portão fecha rapidamente.
- c. Esses prédios constroem rapidamente hoje em dia.
- d. Barco de pesca afunda quando fica velho.
- e. Peixe cozinha melhor no vapor.
- f. Manteiga derrete.
- g. Essa janela abre.

A questão a respeito dessas sentenças remetia ao fato de que não havia nada de especial em sua estrutura que justificasse sua classificação como média⁷. Elas não têm um agente implícito

⁷ A Prof^a Esmeralda Vailatti Negrão apontou diversas vezes esse fato para mim, sempre questionando o estatuto medial de sentenças como as vistas em (21).

óbvio, podem ter uma interpretação eventiva, não estão sujeitas a restrições de tempo genérico e não há a obrigatoriedade de um modificador.

Dessa maneira, nos separaremos da maioria dos autores que descrevem as sentenças médias como podendo ser formadas tanto por verbos médios, isto é, aqueles que só participam da alternância transitivo-média, como por verbos ergativos, aqueles que participam da alternância transitivo-ergativa. Portanto, vamos, neste trabalho, distinguir o que chamamos de CONSTRUÇÕES MÉDIAS e aquelas que são ERGATIVAS GENÉRICAS, tendo como foco principal da análise apenas as médias. No exemplo abaixo podemos ver mais orações que constituem nosso foco neste estudo.

(22)

- a. Água (se) desperdiça muito fácil.
- b. Prova de lingüística não (se) corrige fácil.
- c. Carro com câmbio automático (se) dirige fácil.
- d. Livro do Chomsky (se) lê devagar.
- e. Obra de arte roubada, infelizmente, não (se) recupera rápido.
- f. Cana não (se) colhe fácil.
- g. Tomate (se) cultiva bem no sul do país.
- h. Esse aparelho eletrônico (se) produz rápido e em grande quantidade na China hoje em dia.
- i. Essa receita de bolo (se) prepara rapidinho.
- j. Galinha (se) mata fácil fácil.

Nota-se que o que há em comum entre o conjunto de sentenças acima, além das características da construção média já citadas e repetidas abaixo, é o tipo de verbo participante na construção.

- (i) o caráter não-episódico e a restrição de tempo genérico;
- (ii) a interpretação de propriedade do sujeito que o predicado recebe;
- (iii) a necessidade da presença de um modificador (advérbio, negação, entonação etc);
- (iv) a interpretação de que há um agente implícito.

Todos os verbos que vemos de (a) a (j) só podem ser intransitivos em um ambiente medial, isto é, o contexto medial é necessário para que estes verbos possam participar de uma construção intransitiva, observe que esses verbos são estritamente agentivos, os quais têm, em sua versão transitiva, argumentos externos agentivos. Vejamos os exemplos em (23).

(23)

- a. *O texto em pdf arquivou.
- b. *A prova de lingüística não corrigiu.
- c. *O carro com câmbio automático dirigiu fácil.
- d. *O livro do Chomsky leu devagar.
- e. *As obras de arte não restauraram rápido.
- f. *Essa substância não fracionou.
- g. *O tomate cultivou.
- h. *Aparelhos eletrônicos produziram rápido e em grande quantidade na China.
- i. *Essa receita de bolo preparou rapidinho.

j. *A galinha matou⁸.

Outro ponto interessante apresentado pelos dados do PB é o fato de que as construções médias podem vir ou não acompanhadas de um marcador medial⁹, o clítico pronominal SE, como é notável nos exemplos em (22), acima. A questão sobre a ausência vs. presença do clítico nas construções médias separa o PB de outras línguas românicas, como o francês, o italiano e o espanhol. Nessas línguas, as médias têm, obrigatoriamente, SE/SI (exemplo), enquanto que naquela sua presença parece ser, de modo geral, variável.

(24)

- a. *Ces sakés japonais *(se) boivent frais em été.*
“Estes saques japoneses (se) bebem frios no verão”
- b. *Questi sakè giapponesi *(si) bevono freddi d'estate.*
“Estes saques japoneses (se) bebem frios no verão”
- c. *Esos sakes japoneses *(se) beben frescos.*

⁸ Outro fato que observa-se ao comparar as sentenças em médias com as ergativas é o estatuto genérico do sujeito. O predicado médio refere-se sempre a um tipo, enquanto que nas ergativas em (23) o predicado deve referir-se preferencialmente a uma entidade. Não pudemos estudar essa diferença a fundo, mas parece-nos que é o estatuto genérico e não-episódico do predicado médio que confere ao sujeito a interpretação preferencial de tipo. Veja que mesmo em sentenças como *Essa substância (se) fraciona fácil* ou *Esses aparelhos eletrônicos (se) produzem rápido e em grande quantidade na China hoje em dia* o fato de termos um sintagma determinado não impede a interpretação do sujeito como um tipo.

⁹ A literatura lingüística divide o SE em nove classes diferentes: SE reflexivo (que pode ser recíproco ou não), SE ergativo, SE inerente, SE índice de espontaneidade, SE apassivador, SE indeterminador, SE médio, SE ex-ergativo e SE quase-inerente. O SE apassivador absorve o papel theta do argumento externo e caso acusativo. O SE indeterminador reflete uma relação anafórico-pronominal entre um elemento nulo que ocupa a posição de sujeito e o clítico que o indetermina. O SE reflexivo realiza o papel temático de argumento interno; o SE ergativo é um operador lexical responsável pela detematização da posição de sujeito de verbos transitivos. O SE ex-ergativo mostra o resultado da agentivização de construções com o SE ergativo. Ele marca a fusão do argumento externo com o argumento interno. O SE inerente é o clítico fossilizado com verbos que só admitem construções que envolvam o pronome. O SE quase inerente é o clítico presente em construções que admitem a ausência do clítico, entretanto com outro sentido. O SE enfático reflete a fusão de dois papéis temáticos. Finalmente, o SE medial tem a função de marcar a medialização de uma verbo (conf. Nunes (1990, 1991 e 1995) e trabalhos lá citados).

“Estes saques japoneses (se) bebem frios”

Notemos que tanto em francês, em (24)a, quanto em italiano e espanhol, em (24)b e (24)c, respectivamente, a ausência do clítico torna as sentenças agramaticais. Este, entretanto, não é o caso do PB. A sentença “*Estes saques japoneses (se) bebem frios no verão*” é bem aceita, independentemente da presença ou ausência do clítico.

Como já foi mencionado na introdução, o PB passa por um processo generalizado de reestruturação/perda de seu sistema de clíticos pronominais. Os trabalhos na área apontam que, de modo geral, o uso dos clíticos está em diminuição em nossa língua (Tarallo (1983), Nunes (1990, 1995), Cyrino (2003), Fernandes (2000)), fazendo-nos pensar que os julgamentos e as interpretações que os falantes têm das orações médias que apresentam o clítico SE e daquelas que não o exibem estão sujeitas à maneira pela qual cada falante/dialeto lida com esse elemento.

Entretanto, nossa intuição nos dizia que havia algo mais que apenas variação dialetal. Num primeiro momento, nos parecia que falantes faziam um uso irregular do clítico, ora usando-o, ora não o fazendo em contextos idênticos. Devido a esse fato passamos a nos questionar em relação ao uso desse elemento: será que não havia duas sentenças diferentes sendo tratadas sob um mesmo rótulo? Uma primeira com o clítico SE, dotada de uma interpretação, e a segunda, sem o clítico SE e com uma interpretação distinta da primeira? A resposta que nos parece satisfatória é a afirmativa. Sim, temos duas sentenças com interpretações diferentes sendo tratadas sob um mesmo rótulo.

O primeiro tipo, aquelas sentenças que apresentam o clítico SE, tem um comportamento sintático diferente do segundo tipo de sentenças, aquelas em que o clítico SE não está presente. Essas sentenças mostram diferentes ‘níveis de ‘impessoalização’ (cf. Negrão e Viotti, 2007), sendo que nas primeiras, nas quais o clítico está presente, o argumento externo é sintaticamente

ativo, isto é, sua presença é detectável na estrutura por meio de testes relevantes; nas segundas esse elemento foi totalmente apagado, não podendo ser acessado para nenhuma operação sintática (mas continua sendo reconhecido pelo falante).

Antes de prosseguirmos à análise dos dados do PB e propormos uma hipótese explicativa para a formação das sentenças médias em nossa língua, apresentaremos ao leitor, no capítulo seguinte, algumas das análises mais relevantes a respeito das construções médias. Nesses trabalhos, existem três pontos de evidente discórdia (e foi o fato de haver muita discussão na literatura que despertou nosso interesse em estudar mais a fundo a questão medial): (i) médias têm o argumento externo ativo sintaticamente vs. médias não têm esse argumento ativo; (ii) independentemente de terem ou não um argumento externo ativo sintaticamente, médias têm um agente implícito em algum nível da derivação vs. médias não têm um agente implícito e (iii) médias são resultado de um processo lexical vs. médias são o resultado de um processo sintático.

3. Análises anteriores propostas para o fenômeno medial

Para dar conta das características envolvidas na formação de construções médias, duas propostas básicas são discutidas na literatura, dependendo de como a estrutura das médias é interpretada: (i) médias são o resultado de processos que ocorrem no componente sintático da gramática ou (ii) médias são o resultado de processos que ocorrem em um componente pré-sintático da gramática, o componente lexical.

Análises que descrevem a formação de médias como um processo sintático são vistas em Keyser e Roeper (1984) (deste ponto em diante, K&R) e Stroik (1992, 1999). Aquelas que descrevem essa construção como resultado de um processo pré-sintático, atribuindo ocorrência das construções médias a um processo lexical, são encontradas em Fagan (1988), Ackema & Schoorlemmer (1995) (a partir de agora A&S) e Rodrigues (1998) – este último trabalho sobre os dados do PB.

3.1 Médias como resultados de processos sintáticos

As análises apresentadas a seguir têm por característica básica a proposta de que a alternância transitivo/média é devida a operações realizadas no Componente Sintático da Gramática. K&R analisam as diferenças entre sentenças médias e ergativas. Em sua proposta,

construções médias resultam da regra *Mover α* aplicada na sintaxe, enquanto construções ergativas são decorrentes dessa mesma regra aplicada no Léxico. Stroik, por sua vez, sugere que toda a grade argumental presente nas construções transitivas também está presente na sua contraparte média. Ele apresenta evidências que, de acordo com sua análise, corroboram essa hipótese.

3.1.1 A proposta de Keyser & Roeper (1984)

K&R, no artigo “*On the Middle and Ergative Constructions in English*”, discutem as diferenças na formação de sentenças médias e ergativas. Segundo esses autores, o conjunto de verbos formadores de sentenças ergativas é mais restrito que o conjunto de verbos formadores de sentenças médias, isto é, determinados grupos de verbos não participam da formação de sentenças ergativas, podendo participar apenas de construções médias. Um verbo como ‘*shelve*’ (e outros ‘*location verbs*’) ou ‘*saddle*’ (e outros ‘*locatum verbs*’) não forma construções ergativas, apenas médias.

A idéia dos autores, ao afirmarem que o conjunto de verbos formadores de construções médias é mais amplo, é que eles entendem que todos os verbos relevantes para sua análise podem ser alvo do processo formador de médias, enquanto que nem todos são alvo do processo formador de ergativas. Vejamos o exemplo abaixo.

(25)

- a. These horses saddle easily.

- b. *These horses saddled.
- c. These books shelve easily.
- d. *These books shelved.¹⁰

Devido a essa diferença de distribuição, os autores argumentam que sentenças ergativas e sentenças médias têm uma estrutura argumental lexical distinta. Para eles, verbos que formam sentenças ergativas (doravante verbos ergativos) têm uma forma transitiva e outra intransitiva no Léxico, sendo derivados por meio da regra *Mover α* aplicada ainda nesse componente da gramática. Ao contrário dos ergativos, os verbos que formam sentenças médias (verbos médios) são gerados pela mesma regra aplicada na Sintaxe e são apenas transitivos enquanto estão no Léxico. Conseqüentemente, temos que, para os autores, sentenças ergativas são formadas por meio de um processo lexical e médias são geradas sintaticamente.

K&R, para dar suporte à sua hipótese, argumentam que ergativas podem passar por outras transformações lexicais que requerem um *input* intransitivo, enquanto que médias não o fazem. Para fornecer evidências em favor de sua análise, os autores apresentam uma extensa série de testes sintáticos para provar a diferença entre a geração de sentenças médias e ergativas do inglês. Eles oferecem quatro testes como evidência da transitividade da média em oposição à intransitividade da ergativa: (i) *'first sister incorporation'*; (ii) a partícula *away* com leitura de repetição; (iii) a possibilidade de prefixação com a partícula *out* e (iv) apagamento e *'stranding'* de preposições.

Apresentaremos aqui apenas um dos testes mostrados pelos autores, *'first sister incorporation'* (incorporação do nóculo irmão mais próximo). Esse teste refere-se à incorporação

¹⁰ Exemplos de Keyser & Roeper, 1984.

do verbo ao objeto, colocando-o em posição pré-nominal (para os testes completos e para uma detalhada apresentação e explicação do texto dos autores, cf. Keyser e Roeper, 1984).

(26) Verbos ergativos (intransitivos, na análise dos autores) em posição pré-nominal

- a. the swiftly **rolling** ball
- b. the slowly **bouncing** ball
- c. the rapidly **rolling** ball

(27) Verbos médios (transitivos, segundo os autores) em posição pré-nominal

- a. * the **killing** chickens
- b. * the **painting** wall
- c. * the easily **bribing** men
- d. * the deftly **killing** chickens
- e. * the rapidly **painting** wall

K&R – seguindo as observações feitas por Lees (1969) de que apenas verbos intransitivos ocorrem livremente em posição pré-nominal e que os verbos transitivos são agramaticais neste tipo de construção – usam os exemplos em (26) e (27) para mostrar que verbos ergativos são aceitáveis quando aparecem antes de um nome, mas verbos médios não o são. Mesmo com a presença de um advérbio, como nos três últimos exemplos de (27), as expressões mantêm-se agramaticais.

Baseando sua conclusão em testes aplicados aos pares ergativa-média do inglês, como o teste mostrado acima, os autores postulam que a diferença entre esses dois tipos de sentença é a

sua maneira de derivação, sendo as ergativas derivadas por meio de um processo lexical e as médias, por um processo sintático.

É também por causa da diferença entre os dois tipos de construção que os autores dão conta da interpretação de agente atribuída às construções médias. Como, segundo os autores, uma sentença ergativa é intransitiva na sintaxe, não há, nesses casos, um agente implícito. Já, para as médias – entenda que aqui os autores referem-se a construções médias, sejam elas formadas por verbos médios ou ergativos – que têm sua intransitividade derivada sintaticamente, o agente fica implícito, representado por um clítico abstrato na sintaxe da língua inglesa.

É com a ‘ajuda’ desse clítico abstrato que os autores explicam o fato de que as sentenças médias são transitivas, tendo sua estrutura superficial derivada sintaticamente e, portanto, tendo um papel theta de agente para ser atribuído a algum elemento. Os autores sugerem a existência desse clítico abstrato para o inglês, comparável com o SE/SI das línguas românicas. Ao contrário do que ocorre nas línguas românicas, na língua inglesa esse clítico não possui conteúdo fonológico. Entretanto, sua função, segundo K&R, é comparável à função exercida por esse elemento nas línguas neo-latinas: absorver o papel theta externo e o caso acusativo que o verbo transitivo tem a atribuir. Dessa maneira, a estrutura das construções médias das línguas românicas e a estrutura dessa construção no inglês são a mesma.

3.1.2 Problemas apresentados pela proposta de Keyser e Roeper (1984)

Em primeiro lugar, é problemático o fato de os autores igualarem totalmente as orações mediais formadas por verbos médios com aquelas formadas por verbos ergativos, tratando todas

como construções médias. Os autores evidenciam o fato de haver importantes diferenças entre os verbos médios e os ergativos do inglês, sendo que essas diferenças refletem-se na formação de estruturas médias, mas, ainda assim, tratam da mesma forma as sentenças mediais formadas pelos dois tipos de verbos.

Como já mostramos no capítulo dois, verbos ergativos podem participar de construções no presente progressivo, enquanto que médios não o fazem; verbos ergativos (na forma intransitiva da alternância) não precisam de nenhum modificador, ao passo que verbos médios (na forma intransitiva da alternância) requerem a modificação. Dessa maneira, os autores deveriam separar em dois grupos distintos as construções formadas por verbos médios das construções formadas por verbos ergativos.

(28) Ergativos

- a. The boat is sinking.
- b. Boats sink.

(29) Médios

- a. *Bureaucrats are bribing.
- b. *Bureaucrats bribe.

Mais uma diferença entre médias formadas por verbos ergativos e médias formadas por verbos médios é em relação ao agente implícito. Nota-se, pelos exemplos abaixo, que o estatuto do agente implícito é duvidoso em “médias” formadas por verbos ergativos. Veja os exemplos do inglês e o fato semelhante que ocorre em PB, com sentenças, tratadas neste trabalho, como ergativas genéricas.

(30)

- a. Boats sink all by itself.
- b. *Bureaucrats bribe all by itself.

(31)

- a. Caiques afundam *do nada* na raia da USP.
- b. “(...) *essas taças de champanhe simplesmente quebram (...) [elas] quebram sozinha as filhas ***”.
- c. As portas das salas de aula fecham *do nada*.
- d. “(...) *essa maldita porta abre sozinha e eu sempre acho que é meu chefe voltando*”.¹¹

No teste apresentado em (27) e repetido abaixo em (32), podemos atribuir a agramaticalidade dos exemplos ao caráter inerentemente agentivo dos verbos envolvidos nas estruturas.

(32) Verbos médios (transitivos) em posição pré-nominal

- a. * the **kill**ing chickens
- b. * the **paint**ing wall
- c. * the easily **bribe**ing men
- d. * the deftly **kill**ing chickens
- e. * the rapidly **paint**ing wall

¹¹ As sentenças (31)b e (31)d foram retiradas de páginas da internet.

Ao comparar as conclusões dos autores com os dados que o PB nos oferece, outros problemas acabam por surgir. Em primeiro lugar, como o PB possui uma classe muito mais ampla de verbos que podem ser ergativizados, tornando construções com verbos tipicamente médios do inglês, como ‘*destroy*’ e ‘*paint*’, em sentenças ergativas razoavelmente bem aceitas em nossa língua, como *O jardim da minha casa destrói todo com chuva muito forte* e *O salão vai pintar só amanhã cedo*. Essas sentenças, conforme já mencionamos, são bastante difundidas no PB.

O fato de haver no PB sentenças mediais que apresentam ou não o clítico SE, nos faz perguntar até que ponto a postulação de um marcador medial abstrato não é apenas um construto teórico para lidar com dados ainda obscuros envolvendo as construções mediais.

O SE/SI presente nas construções médias das línguas românicas traz diversas conseqüências sintáticas para a derivação dessas orações, conseqüências essas que não são visíveis no inglês¹². Por exemplo, como discutiremos em mais detalhes adiante, em línguas como o francês, o espanhol e o italiano, construções mediais podem ser modificadas por advérbios orientados ao agente, como *intencionalmente*, *cuidadosamente* etc.

(33)

a. Les contrats de location, ça se lit attentivement.

os contratos de locação, isso se lê atenciosamente

‘Contrato de aluguel SE lê atenciosamente’.

¹² O clítico em contexto medial das línguas neo-latinas traz conseqüências para o comportamento sintático dessas orações (cf. Authier e Reed, 1994), comportamento esse que difere das médias em línguas como o inglês e o alemão. Propostas de análise a respeito do estatuto do clítico nas médias das línguas românicas seguem por dois caminhos opostos. O primeiro tipo de hipótese é a de que médias nessas línguas não têm um argumento externo ativo sintaticamente. Os autores que seguem essa linha de argumentação sugerem que o clítico impede que o papel theta externo seja projetado na sintaxe (i) ao apagá-lo (Cinque, 1988; Wehrli, 1986 – apud. Authier e Reed, 1994) ou (ii) bloqueando sua projeção no léxico (Fellbaum e Zibri-Hertz, 1989; Williams, 1981 – apud. Authier e Reed, 1994).

- b. Questi musei militari si visitano volentieri.
estes museus militares se visitam voluntariamente
'Estes museus militares se visitam com vontade'.
- c. Los contratos, eso se archiva con cuidado.
os contratos, isso se arquiva com cuidado
'Contrato se arquiva com cuidado'.

Em PB, assim como nas línguas mostradas nos exemplos acima, os advérbios orientados ao agente só podem estar presentes no contexto medial se o clítico SE fizer-se presente na derivação, como vemos no exemplo (34).

(34)

- a. Essa receita de bolo se prepara com atenção.
- b. *Essa receita de bolo prepara com atenção.

(35)

- a. *This book reads carefully.
- b. *The garden destroys intentionally..

Por outro lado, em Inglês, advérbios orientados ao agente nunca modificam um predicado médio, sendo que sua presença torna a sentença agramatical, fato esse exemplificado em (35). Dessa maneira, a idéia dos autores de que há um clítico abstrato no inglês é enfraquecida por exemplos como os vistos acima.

3.1.3 A proposta de Stroik (1992, 1999)

Stroik defende uma análise sintática das construções médias em dois artigos intitulados “Middles and Movement”, de 1992 e “Middles and Reflexivity”, de 1999, e sugere que toda a grade argumental dos verbos mediais é projetada na sintaxe, assim como sua contraparte transitiva. Explica-se: o autor apresenta a idéia de que as orações médias, assim como sua contraparte transitiva, possuem todos os argumentos verbais presentes na derivação. Dessa maneira, e segundo o autor, a sentença média em (36)b tem todos os argumentos que a sentença (36)a tem.

(36)

- a. They bribed the bureaucrats.
 arg. ext. V arg. int.
- b. Bureaucrats bribe easily ?
 arg. int. V adv. X

Ele defende a idéia de que o argumento externo (e o papel θ de agente) de verbos médios é projetado como um PRO e é estruturalmente realizado como um adjunto ao VP. Como o argumento externo ocupa uma posição adjunta a VP e não [spec, VP], o argumento interno está livre para se mover para a posição de sujeito gramatical. O autor explica o ‘rebaixamento’ do argumento externo seguindo proposta de Roberts (1987, apud Stroik, 1992) dizendo que, nas estruturas médias, não há a indexação entre o verbo e o IP e, portanto, o verbo não pode projetar

o argumento externo na posição de especificador de IP. A única maneira de o verbo projetar seu argumento externo é como um adjunto ao sintagma verbal. O princípio responsável pelo rebaixamento do argumento externo é o Princípio de Rebaixamento de Argumentos, proposto por Larson (1988):

(37) Se A é um papel theta atribuído por X, então A pode ser atribuído a um adjunto de X

Stroik argumenta em favor de sua proposta explicitando duas evidências que, de acordo com sua análise, são prova de que o papel θ externo está presente na estrutura argumental de sentenças médias. Estas evidências são: (i) anáforas contidas no sujeito gramatical, em (38)a-b e sua representação sintática em (39), e (ii) a possibilidade de expressar-se claramente o agente por meio de um sintagma preposicional adjunto a VP (*for-PP*), em (40)a-b, mais abaixo.

(38)

- a. [Books about oneself] never read poorly.
- b. [Letters to oneself] compose quickly.

(39) [_{IP} e [_{I'} [_{VP} [_{VP} never read books about oneself poorly [PRO]]]] (Stroik, 1992, p.135)

Dado que as anáforas, segundo o princípio A da Teoria da Ligação, precisam ser ligadas em sua categoria de governo, Stroik assume que elas estão coindexadas a um NP sem matriz fonética que c-comanda a anáfora em algum nível sintático. O antecedente para esta anáfora, diz o autor, deve estar dentro do VP. Essa seria a razão de as sentenças em (38) serem gramaticais. Caso não houvesse um argumento externo, não haveria como essas anáforas serem licenciadas e, portanto,

as sentenças seriam agramaticais. A conclusão é que construções médias não têm apenas um argumento, mas dois: o tema, expresso como o sujeito gramatical, e um outro argumento vazio que é capaz de licenciar a presença da anáfora contida no NP sujeito.

Em (40), vemos que o argumento vazio proposto para explicar o licenciamento das anáforas em (38) pode ser expresso claramente na forma de um PP adjunto ao VP.

(40)

- a. That book reads quickly [for Mary].
- b. No Latin text translates easily [for Bill].

3.1.4 Críticas à proposta de Stroik (1992, 1999)

Outros autores (Fagan, 1992 e Ackema e Schoolermmmer, 1995), entretanto, afirmam que Stroik não apresenta evidências suficientemente fortes para corroborar sua análise de que toda a estrutura transitiva está presente nas médias, sugerindo que os dados do autor são controversos. Ackema e Schoolermmmer mostram sentenças não-mediais, como vemos em (41), em que anáforas podem ocorrer sem a presença de um antecedente, enfraquecendo a proposta de Stroik.

(41)

- a. Physicists like yourself are a godsend.
- b. The picture of himself that John saw in the post-office was ugly.

3.2 Médias como resultados de processos pré-sintáticos

Nesta seção serão apresentadas três propostas que têm como característica comum a associação das diferenças entre médias e sua contraparte transitiva a processos que ocorrem no Léxico. Fagan argumenta em favor de uma estrutura bipartite para o Léxico, atribuindo as diferenças entre estruturas transitivas, ergativas e médias a um processo que ocorre no Léxico Dinâmico.

A&S baseiam sua análise na crença da não existência de movimento no nível sintático. A projeção do objeto lógico da construção transitiva como o sujeito gramatical da sentença média deve-se a propriedades de um nível pré-sintático de representação semântica e à sua relação com a Sintaxe e não a um movimento ocorrendo na Sintaxe propriamente. Finalmente, Rodrigues, trabalhando com os dados do PB, sugere que a grade argumental das construções médias varia de acordo com o tipo de verbo envolvido, em proposta semelhante a de Hale & Keyser (1991).

3.2.1 A proposta de Ackema & Schoorlemmer (1995)

A&S atribuem o fato de as construções médias terem como sujeito gramatical o objeto lógico do verbo a propriedades de um nível pré-sintático de representação semântica, isto é, à Estrutura Conceitual-Lexical (Jackendoff, 1990). Eles afirmam que o sujeito gramatical de uma

sentença média é na realidade seu argumento externo. Eles defendem a idéia de que o sujeito gramatical das médias é gerado na posição em que ele é projetado na estrutura, isto é, na própria posição de argumento externo, sugerindo que não há movimento do NP sujeito a partir de uma posição interna ao VP no nível sintático.

Segundo os autores, é o modelo de projeção de argumentos no qual eles se baseiam (Jackendoff, 1990) que permite afirmar que não há movimento no nível sintático. Além disso, as propriedades especiais atribuídas às construções médias são resultado da maneira como o sujeito lógico do verbo está representado na Estrutura Conceitual-Lexical (LCS, do inglês *Lexical-Conceptual Structure*), isto é, ao sujeito lógico do verbo é atribuído uma interpretação arbitrária.

Na LCS, informações semânticas são representadas em dois *tiers* diferentes, um *tier* temático e um *tier* de ação. O *tier* temático contém informações a respeito de argumentos e primitivos semânticos, como *CAUSE* e *BECOME*. Essa representação permite definições como Agente, Tema, Objetivo, Experienciador etc. Segundo proposições internas à teoria, Agente seria o primeiro argumento na função *CAUSE*. Já o *tier* de ação opera com papéis temáticos e papéis de ação e codifica relações entre argumentos. Nesse sistema, alguns argumentos podem aparecer em dois *tiers* diferentes ao mesmo tempo. Ainda, os argumentos do *tier* de ação são mais proeminentes que os argumentos do *tier* temático e seguem a hierarquia apresentada em (42).

(42) Ator – Paciente – Agente – Tema – Objetivo (Jackendoff, 1990)

Os argumentos semânticos presentes na LCS podem ser projetados na sintaxe ou não. A&S assumem a Condição de Recuperabilidade (*Recoverability Condition*), responsável por regular a projeção ou não-projeção de argumentos presentes em LCS para a sintaxe. Essa

condição afirma que um argumento semântico não-projetado deve estar ligado discursivamente ou então a ele deve ser atribuída uma interpretação arbitrária.

Os autores postulam que, na formação de orações médias, ARB é atribuído ao argumento mais proeminente do *tier* de ação, o Ator. Sendo esse argumento arbitrário ele não será projetado na estrutura sintática. Portanto, seguindo Grimshaw (1990), eles assumem que, com a supressão do argumento mais externo na hierarquia de projeção de argumentos, será então projetado o próximo argumento dessa hierarquia como o argumento externo. Como vemos em (42), o próximo argumento da hierarquia é Paciente, que será, portanto, projetado como o argumento externo da sentença medial.

É devido à atribuição de ARB para o Ator do verbo que sentenças médias possuem um argumento implícito. Esse argumento não está presente na estrutura sintática da construção, sendo possível, somente, recuperá-lo semanticamente.

Como evidência para sua análise, os autores apresentam as construções médias do Holandês. Nessa língua, médias têm o mesmo padrão estrutural que sentenças inergativas. Eles afirmam isso pelo fato de que as médias selecionam o auxiliar TER ‘ – selecionado por verbos inergativos – e não ESTAR – selecionado por inacusativos.

(43)

- a. Dit vlees heeft/*is altijd gemakkelijk gesneden.
esta carne TER/ESTAR sempre facilmente cortada
“Essa carne tem sido sempre fácil de cortar”
- b. Dit soort boeken heeft/*is altijd goed verkocht.
este tipo livros ter/estar sempre bem vendido

“Este tipo de livro tem sempre vendido bem”¹³

Segundo os autores, o fato de sentenças médias se comportarem como inergativas, selecionando, por exemplo, o auxiliar *hebben* ‘ter’, mostra que não há movimento no nível sintático, isto é, mostra que essas orações não são formadas por meio de um processo sintático, como, por exemplo, o alçamento do objeto à posição de sujeito. Elas são formadas por meio de um processo lexical. Toda a ‘ação’ ocorre na LCS.

3.2.2 Problemas da proposta de Ackema e Schoorlemmer

A proposta dos autores trata os verbos que pertencem a diferentes classes do mesmo modo. Isto é, os autores sugerem que o processo formativo de médias tem como alvo tanto verbos não-agentivos, como ‘*quebrar*’ e ‘*afundar*’, quanto verbo agentivos, como ‘*subornar*’ e ‘*matar*’. Para eles, assim como para Keyser e Roeper (1984), tanto sentenças formadas por verbos que requerem um sujeito agente, quanto sentenças formadas por verbos não-agentivos tomam parte no mesmo processo lexical de derivação.

Assumindo a condição de Recuperabilidade, A&S expõe que o argumento externo das médias não precisa ser projetado se ele estiver ligado discursivamente ou então se a ele for atribuída uma interpretação arbitrária. Entretanto, os autores não observam o fato de que, em relação a um agente implícito, as sentenças formadas a partir de verbos não-agentivos e aquelas formadas a partir de verbos agentivos. As sentenças não-agentivas não precisam ter,

¹³ A&S, 1995, p. 188.

obrigatoriamente, seu ‘agente’ expresso na sintaxe. Dessa maneira, propor que ambas as sentenças são formadas do mesmo modo, não é razoável.

Por fim, os autores propõem processos por demais poderosos, para os quais não restrições são difíceis de aplicar-se. Ainda, os autores precisam recorrer a uma série de regras e postulados nem sempre bem motivados.

3.2.3 A proposta de Rodrigues (1998)

Rodrigues faz, em sua dissertação, uma descrição bastante completa das construções médias do PB, além de uma extensa revisão da bibliografia sobre o assunto. A autora identifica três classes de verbos formadores de médias. Sua classificação é feita em relação à ausência vs. presença do clítico SE, tratado, nesse trabalho, por marcador medial. Os verbos da classe I, para a autora, formam médias sem a presença do SE. A presença desse clítico torna as médias dessa classe agramaticais. Os verbos da classe II são marcados pela opcionalidade do MM e, por fim, verbos da terceira classe exigem a expressão desse clítico para a gramaticalidade das sentenças. Vejamos a classificação da autora:

(44) Classe I – ausência obrigatória do SE:

acelerar, afrouxar, afundar, amolecer, aquecer, assar, atracar, aumentar, azulejar, branquear, bambear, cachear, capotar, colar, corar, cortar, cozinhar, descascar, derramar, derreter, diminuir, dourar, empobrecer, emudecer, encher, encompridar, encurtar, engomar, engrossar, esfriar, esticar, entortar, estourar, envergar, ferver, furar, girar,

grampear, gratinar, limpar, negrejar, rachar, ralar, ralar, ralar, refinar, riscar, rodar, soldar, torrar, trincar etc.

(45)

- a. Feijão roxinho (*se) cozinha facilmente.
- b. Pão de queijo (*se) assa facilmente.
- c. Manteiga (*se) derrete facilmente.
- d. Leite (*se) ferve rapidamente.
- e. Roupa escura (*se) limpa rapidamente.
- f. Esse volante (*se) gira facilmente.

(46) Classe II – opcionalidade do SE:

aborrecer, abrir, acender, adocicar, afofar, afogar, apagar, arrebentar, assustar, conectar, congelar, danificar, deformar, desbotar, descolar, descolorir, desembarcar, dissolver, embolar, encaixar, encarrucar, endurecer, enrolar, enrugar, esgarçar, estilhaçar, estragar, entupir, envelhecer, fechar, fundir, inflar, irritar, lambuzar, mesclar, misturar, moer, partir, propagar, puir, quebrar, queimar, rasgar, romper, soltar, untar etc.

(47)

- a. Essa porta (se) fecha facilmente.
- b. Essa janela (se) abre facilmente.
- c. Esse vaso (se) quebra facilmente.
- d. Pessoas brancas (se) envelhecem facilmente.
- e. Tecidos de cetim (se) rasgam rapidamente.

f. Lâmpada de abajur (se) queima facilmente.

(48) Verbos da classe III – presença obrigatória do SE:

afugentar, agrupar, alicerçar, arquivar, bordar, castrar, colher, construir, contornar, coroar, corrigir, corromper, costurar, cultivar, definir, desperdiçar, desvalorizar, dirigir, distinguir, dosar, elaborar, encadernar, enfrascar, erradicar, escovar, esculpir, esmaltar, irrigar, ler, traduzir, transmitir, pintar, preparar, transcrever, resumir, transportar, projetar, lapidar, niquelar, nivelar, paginar, purificar, raspar, realçar, rebocar, recheiar, redigir, resgatar, semear etc.

(49)

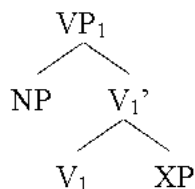
- a. Línguas eslavas se traduzem facilmente.
- b. Esse tipo de ponte se constrói facilmente.
- c. Grande Sertão Veredas se lê facilmente.
- d. Essas doenças se transmitem facilmente.
- e. Essa parede se pinta facilmente.
- f. Uno se dirige facilmente.

Baseando suas conclusões em proposta de Hale & Keyser (1991, 1993), a autora sugere que não há uma única configuração argumental para as construções médias, sendo que a configuração varia de acordo com o tipo de verbo envolvido na derivação. Rodrigues assume, com outros autores (cf. Keyser e Roeper, 1984; Hale & Keyser, 1983; Fagan, 1992), que médias podem ser formadas por verbos ergativos e também por verbos não-ergativos, ou seja, estritamente médios. Os verbos da classe I e classe II são ergativos, participando também de

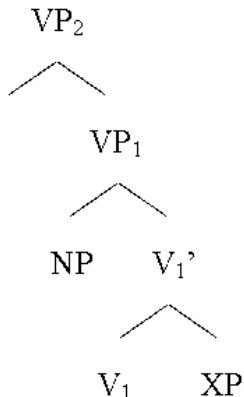
construções ergativas. Os verbos da IIIª classe não são ergativos, intransitivizando-se, segundo a autora, apenas em um ambiente medial.

As construções médias formadas por verbos ergativos são definidas a partir da estrutura argumental vista em (50) e aquelas formadas por verbos não-ergativos, a partir da estrutura apresentada em (51).

(50)



(51)



A autora assume, em sua análise, duas estruturas sugeridas por Hale & Keyser. A estrutura em (50) é anticausativa, isto é, configura-se por um único verbo não causativo. A estrutura em (51), por outro lado, apresenta, além de V₁, um verbo abstrato causativo, V₂, responsável por transitivizar a estrutura. Dessa forma, a autora sugere que médias formadas por

verbos ergativos, como *cozinhar* e *quebrar*, são basicamente intransitivas e aquelas formadas por verbos não-ergativos, como *traduzir* e *arquivar*, são basicamente transitivas.

3.2.4 Problemas com a proposta de Rodrigues

Rodrigues não motiva a divisão que faz entre verbos que exigem o SE, verbos que, opcionalmente, são acompanhados por ele, e verbos que o rejeitam. Também, a autora não leva em conta o fato de que o PB passa por uma mudança em relação ao uso dos clíticos (cf. cap. um). Não fica clara a razão pela qual, dentro do grupo dos verbos ergativos, alguns verbos aceitam esse marcador (classe II, cuja presença do marcador é opcional) e outros não (classe I).

Lembramos ao leitor que, em oposição à idéia da autora de que há médias formadas tanto por verbos médios quanto por verbos ergativos, neste trabalho entendemos que a formação de estruturas mediais é um processo bastante especial. Verbos ergativos, por não serem especificados como necessariamente agentivos, são passíveis de alternar – alternância esta, como já mencionamos, bastante difundida no PB (cf. seção 1 e 2.4). Por outro lado, há verbos que só são intransitivos em um único contexto, o contexto medial, o que indica que há algo diferenciado presente nessas construções.

4.1 Pressupostos teóricos

Nossa análise das sentenças médias baseia-se, em grande parte, no modelo da Morfologia Distribuída. Essa teoria sobre a arquitetura da gramática foi proposta no início da década de 1990, por Morris Halle e Alec Marantz, e tem, como fundamentos, as seguintes propriedades:

(52)

- a. **Inserção tardia** (*Late Insertion*) – por esta propriedade, a expressão fonológica de toda a estrutura sintática é provida apenas durante o mapeamento para a Forma Fonológica (PF). Isso significa que categorias sintáticas são puramente abstratas, não tendo conteúdo fonológico.
- b. **Subespecificação dos itens de vocabulário** (*Underspecification of vocabulary items*) – as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para as posições sintáticas onde elas podem ser inseridas. Apenas os morfemas (nós terminais da estrutura sintática) são totalmente especificados em relação ao seu conteúdo.
- c. **Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação** (*Syntactic hierarchic structure “all the way down”*): elementos sintáticos e morfológicos entram no mesmo tipo de estrutura de constituintes. Não há a necessidade de derivações ou processos pré-sintáticos.

Nesse modelo de arquitetura gramatical, o termo **morfema** se refere a um nó sintático ou morfológico e ao seu conteúdo gramatical, mas não à expressão fonológica desse nó, a qual é fornecida como uma parte do Item de Vocabulário. Um **Item de Vocabulário** (VI, do inglês *Vocabulary Item*) é uma relação entre uma cadeia fonológica e informações sobre onde essa cadeia pode ser inserida. Em (53)a vemos o esquema de um VI, e em (53)b e (53)c, dois exemplos concretos.

(53)

- a. som \leftrightarrow contexto de inserção
- b. /s/ \leftrightarrow [____, + plural] (português)
- c. /ed/ \leftrightarrow [____, + passado] (inglês)

Como foi dito no capítulo três, algumas análises propostas para as construções médias são baseadas em teorias lexicalistas. Para essas teorias existe um Léxico, que é o responsável pela formação das palavras, às quais são entregues “prontas” para que a Sintaxe as utilize. Em teorias lexicalistas, a Sintaxe é responsável por “ordenar” as palavras que lhe são fornecidas pelo Léxico. De acordo com modelos lexicalistas, há, no Léxico, regras que relacionam raízes a palavras e palavras a palavras, ou ainda, palavras à derivação sintática (para formar palavras compostas, expressões idiomáticas, alternâncias verbais, etc). Quando essas regras são aplicadas, pode haver modificação na morfologia de palavras (54) ou nas propriedades de seleção argumental de palavras que selecionam argumentos (55).

(54) [plano] + [alto] = [planoalto] = [planalto] ¹⁴

(55)

- a. O João correu do cachorro.
- b. O João corre.

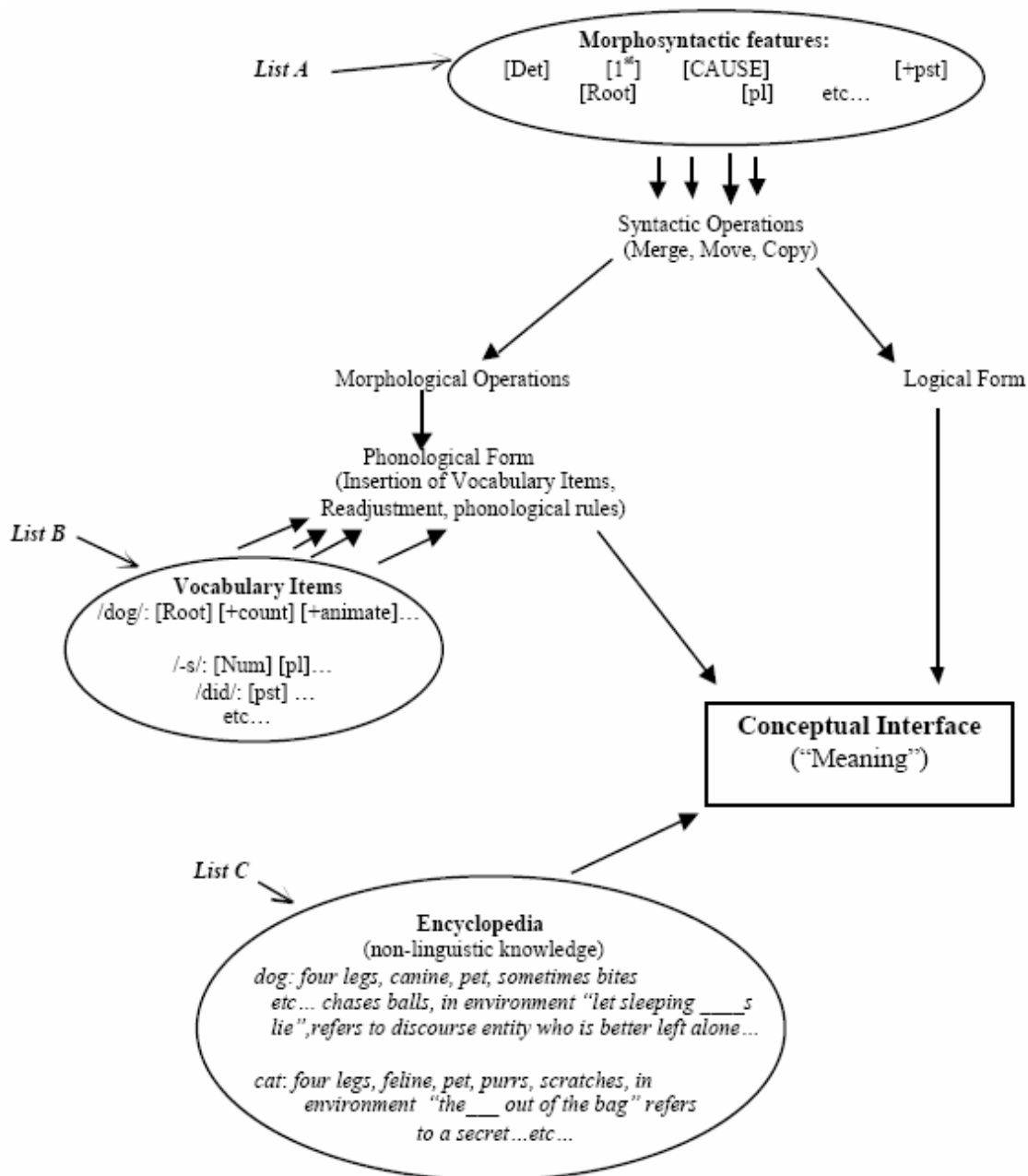
Uma teoria sintática não pode ser apenas uma teoria da estrutura de constituintes de cadeias de palavras e, dessa forma, embasados no modelo da DM, entendemos que a Sintaxe maneja raízes e morfemas, os quais são categorias abstratas definidas por traços universais. Assim, no modelo sugerido pela DM não é necessário postular a existência de um Léxico, como um sistema computacional dotado de regras próprias. A sintaxe pode dar conta, ao mesmo tempo, com as mesmas regras e princípios, da formação de palavras e sentenças. A DM elimina a necessidade de um componente lexical dessa natureza, ao esclarecer de que forma a Sintaxe é capaz de formar sentenças e também palavras.

“(...) in DM the syntax proper does not manipulate anything resembling lexical items, but rather, generates structures by combining morphosyntactic features (via Move and Merge) selected from the inventory available, subject to the principles and parameters governing such combination.” (Harley e Noyer, 1999, p. 3)¹⁵

¹⁴ Representação informal.

¹⁵ “(...) em Morfologia Distribuída a sintaxe propriamente não manipula nada que se pareça ou lembre itens lexicais, mas ao contrário, gera estruturas ao combinar traços morfossintáticos (por meio de Move e Merge) selecionados a partir de um inventário disponível, sujeito a princípios e parâmetros que governam tais combinações.” Tradução minha.

Assim, toda a derivação, seja de estruturas sintáticas ou de estruturas morfológicas, ocorre no Componente Sintático. Nessas derivações o acesso a três listas (como se vê na figura 1, abaixo) se faz necessário. São elas: (A) a lista de **Terminais Sintáticos**; (B), o **Vocabulário** e (C) a **Enciclopédia**.



A lista de Terminais Sintáticos contém as raízes e os morfemas abstratos, que se combinam entre si para formar palavras, palavras compostas, formas verbais simples e complexas e sentenças, em última instância. O Vocabulário é a lista que contém os itens de vocabulário, ou seja, a expressão fonológica de morfemas abstratos e raízes¹⁷ e as regras necessárias para combinar a parte fonológica com os terminais morfossintáticos da estrutura sintática. Finalmente, a Enciclopédia é a lista de informações semânticas sobre raízes e objetos construídos sintaticamente (como expressões idiomáticas) que adquirem valor especial em determinados contextos. Veja os exemplos:

(56)

a. $\sqrt{\text{gat-}}$

I *animal mamífero, felino, doméstico, que caça ratos e pequenos pássaros, tem medo de água, é esperto ...*

II *ser humano dotado de atributos físicos agradáveis aos olhos...*

b. [trocar gato por lebre]

I *ser enganado, iludido ...*

Essas três listas são acessadas em momentos diferentes da derivação. A derivação, primeiramente, retira da lista de Terminais Sintáticos itens os com os quais irá trabalhar. O Vocabulário é acessado no caminho para a Forma Fonológica (Phonological Form), quando a

¹⁶ Harley e Noyer, 1999.

¹⁷ É discutível se raízes têm ou não substância fonética ao longo da derivação. Para mais detalhes acerca desse assunto consultar os textos de Embick (2004), (2005) e (2006).

inserção dos itens de vocabulário (fornecimento de expressão fonológica para as raízes e morfemas abstratos) é feita. A Enciclopédia é “*the repository for ‘special’ meanings, whether the meaning of Roots or larger objects*” (Embick e Noyer, 2004, p. 9)¹⁸. Ela é consultada após a derivação ser encaminhada para a Forma Lógica (Logical Form), onde a estrutura sintática é interpretada. Dessa forma, podemos entender que o nome Morfologia Distribuída se refere à separação de propriedades que, em outras teorias, estão reunidas no Léxico. O que, nessas outras teorias é atribuído ao Componente Lexical, em DM está distribuído em listas dentro do componente sintático. (Figura 1, acima).

4.2 Um exemplo contra propostas lexicalistas: Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005

Entendemos que, tendo esta pesquisa o suporte teórico da DM, um tratamento mais completo para o fenômeno da alternância transitiva/média pode ser alcançado. Outros autores que pesquisam o tema das alternâncias de diátese verbal têm trabalhado com essa teoria de maneira bastante satisfatória, alcançando resultados muito interessantes (Marantz, 1997; Embick, 1998 (e trabalhos subseqüentes); Lidz, 2000; Alexiadou e Anagnostopoulou, 2000 (e trabalhos subseqüentes)). Como exemplo, podemos citar o trabalho de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005) “*The properties of anticausatives crosslinguistically*”.

Nesse artigo os autores trabalham com a alternância ergativa, à qual eles chamam causativa/anticausativa, que é tópico de inúmeras discussões tipológicas e teóricas na literatura lingüística. Essa alternância se caracteriza por verbos com um uso transitivo e intransitivo, muito

¹⁸ “(...) o depósito para os significados ‘especiais’, seja para o significado de raízes ou de objetos maiores.” Tradução nossa.

semelhante à alternância média, tal que o uso transitivo de um verbo V significa aproximadamente ‘causar V intransitivo’ (Levin, 1993), como em (22).

(22)

- a. O João afundou o barco
- b. O barco afundou

O artigo aborda duas questões principais: (i) as diferenças e similaridades entre a construção anticausativa (ergativa) e passiva e (ii) a relação derivacional, se é que há alguma, entre a variante transitiva e intransitiva do par alternante causativo/anticausativo. Eles argumentam contra abordagens derivacionais (lexicalistas) para esse fenômeno. Para mostrar as falhas de análises com essas abordagens, os autores comparam sentenças ergativas e sentenças passivas. As diferenças entre esses dois tipos de construção do inglês são bem conhecidas, tendo como destaque a modificação por advérbios orientados ao agente e controle sobre o sujeito nulo de sentenças de finalidade, como em (23), (24) e (25).

(23)

- a. The boat was sunk by Bill
- b. * The boat sank by Bill

(24)

- a. The boat was sunk on purpose
- b. * The boat sank on purpose

(25)

- a. The boat was sunk to collect insurance
- b. * The boat sank to collect insurance

Essas diferenças mostram que passivas têm um agente ‘implícito’ e ergativas não o tem. Análises anteriores que se propuseram a responder a questão da presença vs. ausência de um argumento externo implícito nesses dois tipos de sentença seguem por dois caminhos diferentes. Primeiro, poder-se-ia dizer que as ergativas não têm um argumento externo implícito porque são basicamente MONÁDICAS. A forma causativa é derivada da forma ergativa por meio de um processo de CAUSATIVIZAÇÃO (Lakoff, 1968 e 1970; Dowty, 1979; Williams, 1981; Brousseau e Ritter, 1991; Pesetsky, 1995; apud Alexiadou; Anagnostopoulou e Schäfer, 2005).

(26)

- a. $\text{break}_{\text{incho}}: \lambda x [\text{BECOME } \textit{broken} (x)]$
- b. $\text{break}_{\text{caus}}: \lambda y \lambda x [\exists P [P (x) \text{ CAUSE BECOME } \textit{broken} (y)]]$ ¹⁹

O segundo tipo de hipótese levantada é que verbos que participam da alternância são inerentemente predicados DIÁDICOS. Ergativas não tem um argumento externo implícito devido a um processo de DESTRANSITIVIZAÇÃO (*detransitivization*), que cria uma entrada lexical intransitiva a partir da variante transitiva. Há duas implementações recentes dessa abordagem.

A primeira é a hipótese de Levin e Rapaport-Hovav (1995) que propõe uma análise bi-eventiva de verbos causativos. A representação semântico-lexical (LSR) que as autoras fazem desses verbos envolve o predicado CAUSE que toma dois argumentos: o subevento de causa e o

¹⁹ Dowty, 1979; apud Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005.

subevento central. No verbo transitivo ‘*break*’, a causa e o tema são projetados a partir da representação semântico-lexical para a estrutura argumental (AS) e, a partir da estrutura argumental, para a sintaxe.

(27) Transitive *break*²⁰

LSR	[[x do-something] CAUSE [y BECOME <i>broken</i>]]	
Linking rules	↓	↓
AS	x	<y>

Na contraparte intransitiva de ‘*break*’, a causa é lexicalmente ligada (*lexically bound*) no mapeamento de LSR para AS, sendo impedida de ser projetada na sintaxe.

(28) Intransitive *break*

LSR	[[x do-something] CAUSE [y BECOME <i>broken</i>]]	
	↓	↓
Lexical binding	∅	
Linking rules		↓
AS		<y>

A segunda implementação recente, dentro da proposta de que verbos que participam da alternância são inerentemente predicados DIÁDICOS, vem do trabalho de Reinhart (2000, 2002). Essa autora propõe que a causatividade é codificada por meio de um traço ‘*lexical cause* [+c]’, que define um conjunto de papéis theta que causam mudança, nomeadamente CAUSA, AGENTE e

²⁰ Os exemplos (27), (28) e (29) são de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005).

INSTRUMENTO. Verbos alternantes são inerentemente transitivos e selecionam um argumento externo [+c]. Anticausativas são derivadas a partir da entrada lexical (*'in the lexicon'*) transitiva por meio de uma operação – chamada expletivização – que reduz o papel temático externo [+c].

(29) Expletivization: Reduction of na external [+c] role

- a. $V_{acc}(\theta_1 [+c], \theta_2) \rightarrow R_e(V)(\theta_2)$
- b. $R_e(V)(\theta_2) = V(\theta_2)$

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer apontam que qualquer abordagem DERIVACIONAL que derive uma das versões do par alternante a partir da outra afirma que a versão derivada é mais complexa, já que é formada por uma operação extra em algum nível da gramática. Ainda, a variação morfológica encontrada na alternância não reforça em nada a tese da DIRECIONALIDADE na derivação: ambas as visões discutidas acima são desafiadas por línguas que apresentam marcação morfológica especial na parte alternante que é considerada como a básica. A idéia da causativização deixa sem explicação o fato de que, em muitas línguas, é a parte ergativa do par alternante que recebe marcação especial e não a variante causativa, como vemos em (30).

(30) Anticausative Marking:

- a. Russian: *katat'-sja* 'roll (intr)²¹
 katat' 'roll (tr)'
- b. Polish: *złamać-się* 'break (intr)²²

²¹ Haspelmath, 1993, p.91, apud Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005.

²² Piñon, 2001b, p.1, apud Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005.

zlamać ‘break (tr)’

Entretanto, a postulação de um processo de DESTTRANSITIVIZAÇÃO enfrenta um problema similar em relação a línguas que marcam a variante causativa do par alternante.

(31) Causative Marking:

- | | | | |
|----|-------------------|-------------|-----------------------------|
| a. | Georgian: | duy-s | ‘cook (intr)’ ²³ |
| | | a-duy-ebs | ‘cool (tr)’ |
| b. | Khalka Mongolian: | ongoj-x | ‘open (intr)’ ²⁴ |
| | | ongoj-lg-ox | ‘open (tr)’ |

Além disso, há línguas que mostram alternância não-direta, a qual não se encaixa facilmente em nenhuma das abordagens acima. São EQUIPOLENTES quando ambas as formas são derivadas de um radical comum, como em (32)a; são SUPLETIVOS quando raízes diferentes são usadas, como em (32)b, e ‘*LABILE*’ quando a mesma forma é usada, em (32)c.

(32) Non-direct alternations:

- | | | | |
|----|-----------|----------|-------------------------------|
| a. | Japanese: | atum-aru | ‘gather (intr)’ ²⁵ |
| | | atum eru | ‘gather (tr)’ |
| b. | Russian: | goret’ | ‘burn (intr)’ |
| | | žeč | ‘burn (tr)’ |
| c. | English: | open | ‘intr’ |

²³ Haspelmath, op.cit.

²⁴ Piñon, op.cit.

²⁵ Haspelmath, op.cit.

open ‘tr’

Outro problema para a hipótese da causativização é ter que derivar causativos a partir de anticausativos inexistentes; esse é o caso no contexto de restrições verbais, isto é, a diferença entre “*break*” e “*cut*”: aquele forma um anticausativo, mas este não tem tal forma. O mesmo problema é encontrado com verbos de mudança de estado (VME) que mostram restrições de seleção. Alguns verbos têm um uso intransitivo somente com certos tipos de argumentos internos. Causativos não impõem tal restrição.

(33)

- a. He broke his promise / the contract / the world record.
- b. *His promise / the contract / the world record broke.
- c. He broke the vase.
- d. The vase broke.²⁶

Levin e Rapaport-Hovav (1995) argumentam que restrições verbais e restrições de seleção estão relacionadas e ambas podem ser tratadas pela hipótese da de-transitivização, a partir da seguinte generalização:

(34) *Os verbos transitivos que não formam anticausativos restringem seu sujeito a agente ou agente e instrumento e não permitem causa.*

²⁶ Levin e Rapaport-Hovav, 1995, p. 85-86

Em (35) e (36), o verbo não-alternante “*cut*” seleciona um agente ou um instrumento como sujeito, mas não permite uma causa, enquanto que o verbo alternante “*break*” é compatível com agente, instrumento ou causa em posição de sujeito, estando de acordo com a generalização em (34).

(35)

- a. The baker / the knife cut the bread.
- b. *The lightning cut the clothesline.
- c. *The bread cut.

(36)

- a. The vandals / the rocks / the storm broke the window.
- b. The window broke

O raciocínio por trás de (34) na hipótese da destransitivização é que um verbo causativo pode não expressar seu argumento externo se sua natureza temática for NÃO-ESPECIFICADA. Se o verbo especifica lexicalmente algo sobre a natureza do argumento externo, então essa posição argumental não pode ser “*lexically bound*” ou “*reduced*”.

A hipótese da destransitivização, entretanto, também encontra o problema lógico de que às vezes seria necessário derivar algo a partir de uma base inexistente. Esse é o caso de VME inacusativos que não tem uma contraparte causativa.

(61)

- a. The cactus blossomed early.
- b. *The gardener blossomed the cactus.

c. *The warm weather blossomed the cactus.

Note que propriedade crucial desses verbos é que eles descrevem mudanças de estado que são internamente causadas, isto é, a causa da mudança está ligada a propriedades inerentes ao argumento que sofre a mudança. Ao contrário, verbos que tem uma contraparte transitiva podem ser causados externamente, isto é, podem ser ‘promovidos’ por uma causa externa (cf. Levin e Rapaport-Hovav, 1995).

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, em busca de uma hipótese que explique o fenômeno da alternância ergativa sem incorrer nesses problemas mencionados acima, concentram sua análise em três línguas distintas, a saber: o Inglês, o Alemão e o Grego. Eles descrevem os tipos de argumentos que podem ser introduzidos por PPs nas sentenças ergativas em cada uma dessas línguas e também diferenças translingüísticas em relação a licenciamento verbal e restrições de seleção. A comparação transtingüística dos dados dessas três línguas leva os autores a acreditar que agentividade e causatividade devem ser expressas sintaticamente por meio de núcleos funcionais diferentes.

5 Uma proposta de análise para as Construções Médias do PB

Relembramos o leitor de que existem três pontos de evidente discórdia nas análises a respeito das construções médias: (i) médias têm um agente implícito em algum nível da derivação vs. médias não têm um agente implícito de maneira nenhuma; (ii) no caso de haver um agente implícito, a discórdia se dá em relação ao fato de médias terem esse argumento externo ativo sintaticamente vs. médias não terem esse argumento ativo na sintaxe e (iii) médias são resultado de um processo lexical vs. médias são o resultado de um processo sintático.

Nesta primeira parte de nossa análise, retomamos a discussão a respeito do argumento implícito. Para tanto, trazemos dados de sentenças passivas, ergativas e médias, visto que a comparação entre esses três tipos de sentenças evidencia uma diferença importante: passivas têm um argumento implícito ativo sintaticamente e ergativas não o têm. As médias apenas possuem um argumento externo ativo sintaticamente quando o clítico SE está presente na estrutura, comportando-se, nesse aspecto, de maneira semelhante às orações passivas; quando o clítico não está presente na estrutura medial, não há um argumento externo ativo na sintaxe, equiparando-as, nesse ponto, com as sentenças ergativas.

5.1 Dois fatos linguísticos que indicam a presença sintática do argumento externo

Linguistas (Manzini, 1983; Marantz, 1984; Jaeggli, 1986; Roeper, 1987; Baker, Johnson e Roberts, 1989; Levin e Rappaport Hovav, 1995; Reinhart 2000; Chierchia, 1989, 2004) trabalhando com sentenças passivas e sentenças ergativas observaram que há dois modos de identificar a existência sintática de um argumento externo, a saber: (i) por meio do controle de PRO em sentenças de finalidade e (ii) pela presença, na sentença, de advérbios orientados ao sujeito. Usaremos esses mesmos recursos, considerando as construções passivas, ergativas e médias, para explicitar o comportamento de um agente implícito nas construções médias. Dessa forma, poderemos observar que, em relação ao agente implícito, as médias que apresentam o clítico em sua estrutura comportam-se de maneira semelhante às passivas; enquanto que as médias sem o SE comportam-se de modo equivalente às ergativas.

É interessante poder comparar o comportamento das orações médias com sentenças passivas e ergativas pelo fato de que essas últimas têm, respectivamente, seu argumento externo, implícito, sintaticamente ativo e sintaticamente inativo. O estatuto do argumento externo dessas construções já foi bem discutido na literatura linguística e é por essa razão que as comparamos às construções médias (cf. Authier e Reed, 1994; Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005 e trabalhos lá citados).

5.1.1 Sentenças de finalidade

Chomsky (1981), seguindo Manzini (1980), observou que apenas argumentos externos que são sintaticamente ativos podem controlar o sujeito nulo de sentenças encaixadas conhecidas como SENTENÇAS DE FINALIDADE. O elemento de caráter pronominal foneticamente nulo que

ocupa a posição de sujeito das sentenças encaixadas de (57) e (58) é um PRO. Existem dois tipos de PRO: **controlado** e **arbitrário**. De acordo com Raposo (1992), PRO controlado ocorre, geralmente, em orações complemento, sendo obrigatoriamente controlado por um elemento da oração principal. PRO_{arb} (arbitrário) ocorre em orações sujeito²⁷, sendo interpretado como “uma entidade x qualquer”.

Os exemplos abaixo mostram o comportamento de sentenças passivas, ergativas e médias diante de uma oração encaixada de finalidade.

(57) **Controle – verbos que participam da alternância ergativa: verbos não necessariamente agentivos**

a. **Passivas**

- I O gelo do *freezer* foi derretido [para PRO limpar o aparelho].
- II O vaso de cristal foi quebrado [para PRO irritar a dona da casa].
- III O barco foi afundado [para PRO receber o dinheiro do seguro].

b. **Ergativas**

- I *O gelo do *freezer* derreteu [para PRO limpar o aparelho].
- II *O vaso de cristal quebrou [para PRO irritar a dona da casa].
- III * O barco afundou [para PRO receber o dinheiro do seguro].

(58) **Controle – verbos que NÃO participam da alternância ergativa: verbos necessariamente agentivos**

a. **Passivas**

27 PRO de orações sujeito não necessita ser controlado, entretanto esse controle pode existir, como vemos abaixo:
(i) [PRO_i aceitar essa proposta] [é difícil para [os deputados]_i] (Raposo, 1992)

- I O livro foi escrito para (para PRO agradar as crianças)²⁸
- II A água foi desperdiçada (para PRO irritar a dona da casa)
- III A receita de bolo foi preparada (para PRO servir os convidados)

b. Médias

- I Livro infantil escreve (*para PRO para agradar as crianças)
- I' Livro infantil SE escreve (para PRO agradar as crianças)
- II Água desperdiça (*para PRO irritar a dona da casa)
- II' Água SE desperdiça (para PRO irritar a dona da casa)
- III Receita de bolo (*para PRO servir os convidados)
- III' Receita de bolo (para PRO servir os convidados)

O controlador de PRO nas sentenças em (57)a e (58)a é o argumento implícito da oração passiva²⁹; por simplicidade, podemos dizer que a morfologia passiva aplicada ao verbo é capaz de absorver o papel temático de agente, no caso desse papel não ser atribuído a nenhum PELO-PP³⁰. Esse argumento, portanto, está ativo, isto é, ele encontra expressão sintática sendo capaz de servir de referência para o pronome nulo anafórico que a requer.

Contudo, o comportamento das sentenças ergativas é bastante diferente do comportamento das passivas. As cláusulas de finalidade não são licenciadas em nenhum dos

²⁸ A razão de mostrarmos exemplos de orações passivas, novamente, ao mostrarmos exemplos de construções médias é que as médias são formadas por raízes agentivas, isto é, raízes diferentes daquelas que formam orações ergativas. Queremos demonstrar que, em relação à presença vs. ausência de um argumento implícito ativo na sintaxe o tipo de raiz (média ou ergativa) não influencia nos resultados.

²⁹ Jaeggli considera o tipo de controle exercido sobre PRO nas construções passivas como sendo de natureza temática, em oposição à controle argumental. O controlador, em uma relação de controle temático, não necessita estar em uma posição A, tampouco c-comandar o controlado. Controle argumental, por outro lado, exige que o elemento controlador esteja em uma posição A e c-comande o controlado.

³⁰ Um 'pelo-PP' é também conhecido como *by-phrase*.

exemplos de (57)b. Isso parece mostrar que, ao contrário das construções passivas, que têm seu argumento externo ativo sintaticamente, as construções ergativas não o têm.

Por sua vez, nas médias, de alguns dos exemplos em (58)b, o SE atua como o elemento controlador de PRO, licenciando a presença desse elemento nessas orações, enquanto que nas sentenças sem o SE, não há nenhum elemento capaz de licenciar PRO.

Podemos, então, comparar os dois tipos de médias com as passivas e ergativas apresentadas na seção anterior. Médias com o SE são semelhantes às primeiras em relação ao controle de PRO. Médias sem o clítico alinham-se, ao contrário, às ergativas, que não têm nenhum elemento capaz de controlar o sujeito nulo das sentenças encaixadas, sendo, dessa maneira, agramaticais quando acompanhadas de tais sentenças.

5.1.2 Modificação por advérbios orientados ao sujeito

Chomsky (1986) e Jaeggli (1986a) notam que somente argumentos externos sintaticamente ativos podem licenciar a presença de advérbios orientados ao sujeito. Novamente, a partir dessa observação, chega-se à conclusão semelhante àquela apresentada na seção anterior: as construções passivas têm seu argumento externo ativo sintaticamente e as sentenças ergativas, pelo contrário, não o têm, pois são agramaticais quando acompanhadas de tais modificadores. Vemos pelos exemplos abaixo que apenas as sentenças passivas podem licenciar esses advérbios.

(59) Sentenças de finalidade

Verbos que participam da alternância ergativa: verbos não necessariamente agentivos

a. **Passivas**

- I O gelo do *freezer* foi derretido de propósito.
- II O vaso de cristal foi quebrado de propósito.
- III A janela foi aberta de propósito.

b. **Ergativas**

- I *O gelo do *freezer* derreteu de propósito.
- II *O vaso de cristal quebrou de propósito.
- III *A janela abriu de propósito.

Dado que advérbios orientados ao sujeito têm sua ocorrência atrelada à presença de um argumento externo ativo sintaticamente, podemos concluir pelos exemplos em (59) que, em sentenças ergativas, o argumento externo não existe sintaticamente. Esses exemplos, ainda, nos quais as sentenças contendo modificadores orientados ao sujeito são gramaticais em construções passivas, podem instanciar evidências de que passivas possuem o argumento externo ativo.

(60) **Sentenças de finalidade**

Verbos que NÃO participam da alternância ergativa: verbos necessariamente agentivos

a. **Passivas**

- I O livro foi escrito com cuidado e atenção.
- II A água foi desperdiçada de propósito.
- III A receita de bolo foi preparada com cuidado e atenção.

b. Médias

- I *Livro infantil escreve com cuidado e atenção.
- I' Livro infantil SE escreve com cuidado e atenção.
- II *Água desperdiça de propósito.
- II' Água SE desperdiça de propósito.
- III *Receita de bolo prepara com cuidado e atenção.
- III' Receita de bolo SE prepara com cuidado e atenção.

O que podemos observar pela comparação entre os exemplos em (60) é que médias com SE e as médias sem SE não são absolutamente idênticas. Percebemos, por esses dados, que apenas as sentenças em que o clítico está presente podem licenciar os modificadores “com cuidado e atenção” e “de propósito, locuções adverbiais classificadas como **orientadas ao sujeito** (Parsons, 1990). Tendo por base esses dados acima, vemos que apenas nas sentenças médias nas quais o clítico está presente há um argumento externo ativo sintaticamente. Aquelas sentenças em o SE não se manifesta na estrutura, não têm a presença sintática desse argumento.

A variação de uso da construção com o clítico e da construção sem o clítico é mais do que simples variação dialetal, ao nosso entender. A diferença que o SE parece lhes conferir diz respeito ao grau de impessoalização de cada uma dessas construções. Negrão e Viotti sugerem separar em dois tipos orações ergativas com e sem o clítico pronominal. Segundo as autoras:

[...] a construção impessoal com verbos que podem alternar deve ser separada em duas construções diferentes: uma com o clítico se e a outra sem o clítico se. Esses dois tipos de construção se diferenciam pelo grau de impessoalização que expressam. O primeiro, que aparece com o

clítico se, se assemelha à passiva sintética, na medida em que o argumento agente-controlador ainda permanece disponível para operações semânticas; o segundo, sem o clítico, se comporta como sentenças com um alto grau de impessoalização, na medida em que o argumento agente-controlador foi totalmente suprimido da diátese verbal. (Negrão e Viotti, 2007, p.184)

Da mesma maneira que ocorre com sentenças de alternância ergativa, as construções médias colocam-se em dois níveis diferentes de impessoalização. As sentenças nas quais o clítico está presente permitem o acesso ao seu argumento externo, mantendo-o acessível para operações sintáticas. As sentenças médias nas quais esse clítico não está presente colocam-se em um grau mais alto de impessoalização na medida em que seu argumento externo não está acessível para operações sintáticas.

5.2 Interpretação agentiva independente da expressão sintática do agente

Há uma outra dúvida que perpassa diversas análises sobre médias (cf. Stroik 1992, 1999; Ackema e Schoolermmmer, 1994; Dikken e Sybesma, 1998): falantes entendem que há um agente, independente da presença sintática desse elemento. É na tentativa de explicar a interpretação agentiva recebida por sentenças médias que, por exemplo, Stroik (1992), trabalhando com a idéia de que a formação de tais sentenças é devida a um processo sintático, propõe que nelas o argumento externo faz-se presente na estrutura na forma de um PRO adjunto a VP. É também na

tentativa de dar uma explicação para esse fato lingüístico que Ackema e Schoolermmmer (1994), supondo uma formação lexical para tais construções, sugerem que nelas o argumento externo do verbo não é projetado para a sintaxe, sendo a ele atribuída uma interpretação arbitrária ainda no Léxico.

Vejam os exemplos abaixo, que nos mostram que sentenças médias não podem combinar-se com advérbios como ‘sozinho’ e ‘do nada’, enquanto que ergativas o fazem:

(61) Ergativas

- a. A casa queimou sozinho.
- b. O barco afundou sozinho.
- c. O vaso quebrou do nada.
- d. A porta abriu do nada.
- e. Boats sink all by itself.

(62) Médias

- a. *Dissertação escreve rapidinho sozinho.
- b. *Esse carro dirige fácil, ele dirige do nada.
- c. *Água desperdiça do nada.
- d. *Bureaucrats bribe all by itself.

O que podemos dizer a respeito dos exemplos acima é que nas médias há a interpretação de que existe um elemento responsável por iniciar/levar adiante a ação descrita pelo predicado. O mesmo ocorre para o inglês. Ainda, no PB, língua na qual médias podem ou não ser

acompanhadas do clítico SE – elemento que indica a presença sintática do argumento externo (cf. seção 5.1), a ausência desse do clítico não impede uma interpretação agentiva. É por essa razão que o modificador ‘sozinho’ ou ‘do nada’ não é aceitável nessas construções. O falante sabe que uma dissertação não pode ser escrita sozinha, enquanto que o vaso pode, sim, quebrar sozinho. O vaso pode quebrar em decorrência de propriedades internas a ele, enquanto que não há nada na dissertação que a faça ‘escrever-se’.

5.3 Agentividade e causação – diferenças sintático-semânticas presentes na denotação da raiz

Muitos autores (cf. Ackema e Schoolermmmer, 1994; Stroik, 1999) têm tentado dar conta da interpretação de que médias, independentemente de terem o argumento externo ativo na sintaxe, possuem uma interpretação agentiva. A proposta de Marantz (1997) sugere que há informações sintático-semânticas presentes na denotação da raiz que não necessitam ser projetadas sintaticamente, informações as quais são responsáveis, por exemplo, pela interpretação agentiva que ‘John’ recebe em:

(63) John’s destruction of the city

Segundo o autor, a nominalização em (63) não é uma ‘nominalização’ como assumida por teóricos lexicalistas, isto é, ela não é um verbo que virou nome. Ela resulta de uma derivação em que uma raiz acategorial foi nominalizada por um núcleo relevante na sintaxe e a interpretação agentiva conferida a ‘John’ deve-se a informações da própria raiz. Com base na argumentação do

autor, acreditamos que são essas informações que conferem uma interpretação agentiva a construções médias. Na seção seguinte revisamos a argumentação do autor para esclarecermos nosso ponto de vista.

5.3.1 A evidência das nominalizações

O autor observa o comportamento de certas nominalizações³¹ do inglês e suas respectivas contrapartes verbais. A partir da interpretação de possuidores de NPs (*possessors of NPs*) em diferentes nominalizações, o autor faz uma classificação de tipos de verbos e a partir dessa classificação acredita poder prever o comportamento de uma nominalização de determinada classe verbal. Para o autor, o fato de um sintagma possuidor como ‘*John’s*’ em ‘*John’s destruction of the city*’ poder ser interpretado como o agente da destruição nos mostra que agentividade/causatividade está codificada (também) na raiz de alguns tipos de verbos. A partir dessa observação de Marantz, passamos a investigar se a intuição dos falantes de que médias são agentivas pode estar relacionada à raiz envolvida na construção.

Marantz aponta que Chomsky (1970), em “*Remarks on Nominalization*” discute as propriedades sintáticas e semânticas de nominalizações e analisa de que forma o seu

³¹ Marantz, no artigo que apresentamos, usa o artigo “*Remarks on Nominalization*” (Chomsky, 1970) – o texto que deu origem ao que é conhecido como Hipótese Lexicalista – para desconstruir o Lexicalismo. O comportamento das nominalizações é um de seus argumentos em favor de uma derivação totalmente sintática, que não precise recorrer a derivações lexicais.

comportamento sistemático não é capturado quando se tentam derivar nomes a partir de verbos. Marantz faz uma revisão dos argumentos de Chomsky, indo contrário à idéia de que o texto é a primeira proposta “lexicalista”.

Até ‘*Remarks*’, derivar nominalizações transformacionalmente a partir de sentenças era uma tentativa de preservar o que era entendido como categoria gramatical.

“Nominalized verbs threatened the distributional characterization of categories since they seem to share some distributional properties with verbs – the ability to take complements and subjects, for example – while sharing other (e.g., morphological) distributional properties with nouns.”

(Marantz, 1997 – p.213).

Se fosse possível tratar nominalizações – nomes derivados de verbos – como verbos, e não nomes, poder-se-ia manter as características distribucionais de ambas as categorias. O NP sentencial em (64)c, portanto, era derivado a partir da sentença em (64)a. Entretanto, o comportamento idiossincrático das nominalizações não é explicado por esse tratamento.

(64)

- a. that John destroyed the city
- b. *that the city destroyed
- c. John’s destruction of the city
- d. the city’s destruction

- e. John's destroying the city³²

O verbo *destroy* 'destruir' é um verbo tipicamente transitivo em inglês. Na sua forma verbal toma dois argumentos: o sujeito e o objeto direto, em (64)a. A sua versão intransitiva, que temos em (64)b, é agramatical. A forma nominalizada, assim como o verbo, toma também dois argumentos. Entretanto ela também é gramatical com somente um argumento realizado, o objeto da forma verbal.

Por outro lado, verbos do tipo de *grow* 'crescer', 'cultivar', parecem exibir comportamento exatamente contrário: podem ser transitivos e, também, intransitivos, contudo sua nominalização é somente intransitiva.

(65)

- a. that John grows tomatoes
b. that tomatoes grow
c. *John's growth of tomatoes
d. the tomatoes' growth
e. John's growing tomatoes
f. tomatoes' growing (there would surprise me)^{33 34}

³² Exemplo (12) em Marantz, 1997.

³³ Exemplo (13) em Marantz, 1997.

³⁴ Os exemplos em (65)e-f contam em favor da hipótese levantada pelo autor. Segundo sua argumentação, 'growth' é verdadeiramente um nome, não passando nunca pelo estágio de verbo, sendo esta a razão de não aceitar um argumento externo. Já 'growing' é uma verdadeira nominalização, isto é, um verbo usado/tornado nome. É por essa razão que 'John's' aí é gramatical. Passando pelo estágio de verbo, temos um núcleo funcional na derivação que permite a projeção desse agente, assim como em "John grows tomatoes".

O verbo *break* ‘quebrar’ pode tomar dois (transitivo) ou um argumento (intransitivo). Já sua versão nominalizada não aceita nenhum complemento, nem o objeto direto nem o sujeito.

(66)

- a. that John breaks the glass
- b. that the glass breaks
- c. * John’s break of the glass
- d. * the glass’s break
- e. * the break of the glass
- f. the break in the glass³⁵

Marantz, tendo por base esses exemplos, hipotetiza que há diferentes categorias de raízes e o comportamento de verbos e nomes pode ser previsto a partir dessas categorias. O autor, seguindo Levin (1993), aponta três delas:

(67) classes de raízes

Root	class
$\sqrt{\text{destroy}}$	change of state, not internally caused (so, implies external cause or agent)
$\sqrt{\text{grow}}$	change of state, internally caused
$\sqrt{\text{break}}$	result (of change of state)

³⁵ Exemplo (14) em Marantz, 1997.

Utilizando-se da classificação proposta em (67), Marantz argumenta que uma raiz que implica causa externa ou agente, como a raiz do verbo ‘destroy’ *destruir*, traz em si a idéia de agentividade. É por essa razão que em “*John’s destruction of the city*” podemos interpretar ‘John’ como um agente. Uma raiz como ‘grow’ *crescer/cultivar* implica a idéia de uma mudança de estado causada internamente. Em “*John grows tomatoes*”, ‘John’ não é um argumento da raiz em si; esse verbo não pede, necessariamente a projeção de um agente ou causa. O autor aponta que “John” é um tipo de agente causativo projetado somente em um ambiente verbal.

Veja que, de acordo com a argumentação do autor, se as nominalizações passassem primeiro por um estágio verbal, antes de tornarem-se nomes, e se aquilo que é entendido como o agente/causador da destruição em “*John’s destruction of the city*” fosse um agente do tipo projetado por um núcleo verbal, não há como impedirmos que, na nominalização de ‘grow’, o mesmo aconteça. Se esse fosse o caso, a sentença **“John’s growth of tomatoes”* não deveria receber um asterisco. Veja que se esse fosse o caso, não teríamos como explicar porque a nominalização de ‘grow’ é somente intransitiva.

Segundo Marantz, o comportamento geral de possuidores de NPs nos permite esperar que o possuidor em uma nominalização formada por um verbo de mudança de estado causada externamente seja interpretado como um causador. Mas o crucial é que esse causador não seja um agente do tipo projetado por um núcleo com essa função específica na sintaxe, mas que seja um tipo de agente *implicado* por um verbo de mudança de estado externamente causada. Dessa forma, entende-se que certos elementos – como o argumento que recebe o papel theta de agente/causador – requerem um ambiente verbal para serem projetados.

5.3.2 *Informações sintático-semânticas presentes na raiz*

Se uma interpretação agentiva pode ser conferida a uma dada nominalização, tendo por base somente informações contidas na raiz, entendemos que a interpretação de agente atribuída às médias decorre do tipo de raiz envolvida na construção. As médias como as tratamos neste presente trabalho são formadas por raízes estritamente agentivas, isto é, são raízes que denotam ações cujo desenrolar só pode ser conduzido por um elemento capaz de levar adiante a ação descrita pela raiz.

(68)

- a. Texto do Chomsky não lê rápido.
- b. Apartamento novo decora fácil.
- c. Bolo de chocolate prepara num piscar de olhos.

As raízes participantes das construções em (68) pressupõem sujeitos humanos, pois denotam atividades inerentemente humanas. Não parece ser necessária a projeção de um agente para que o falante entenda que apenas um elemento de tal categoria pode conduzir a ação descrita por um verbo formado a partir de raízes como as acima. Veja que, enquanto raízes como $\sqrt{\text{quebr-}}$ ou $\sqrt{\text{queim-}}$ podem ser interpretadas como tendo uma causa não-agentiva, raízes como $\sqrt{\text{decor-}}$ e $\sqrt{\text{prepar-}}$ não o admitem a mesma interpretação.

(69) raízes não-agentivas formadoras de construções ergativas

- a. Essas máquinas de café quebram do nada.

- b. Roupa seca sozinha em dia quente, nem precisa estender.

(70) raízes agentivas formadoras de construções médias

- a. *Apartamento decora do nada, nem precisa pagar decorador.
- b. *Bolo de chocolate prepara sozinho.

Notem que, em relação à agentividade codificada na raiz verbal, não nos interessa se as construções possuem ou não um argumento externo ativo sintaticamente. Como vimos na seção anterior, esse argumento faz-se presente em médias com SE. Entretanto, mesmo sem a presença desse elemento ainda nota-se que essas sentenças possuem uma interpretação agentiva.

Ainda, acreditamos que é o fato de diferentes autores tratarem como médias sentenças formadas por diferentes raízes que suscita tanta discussão em relação à existência ou não de um agente implícito.

5.4 Uma estrutura para as construções médias

5.4.1 Núcleos v1 e v2

Nesta seção, gostaríamos de propor uma estrutura para as construções mediais do PB. Marantz (1997) sugere que há dois núcleos funcionais na presença dos quais raízes tornam-se verbos. Cada um desses núcleos é responsável por projetar diferentes tipos de construções.

O autor, com o objetivo de explicar o comportamento das classes verbais por ele propostas e construindo sua hipótese empiricamente, argumenta que há dois núcleos funcionais na presença dos quais raízes se verbalizam: (i) o núcleo funcional v -1, responsável por projetar estruturas em que há um agente e (ii) o núcleo funcional v -2, que projeta estruturas sem agente.

Uma raiz é verbalizada ao ser inserida em um ambiente verbal, no qual teremos um dos núcleos funcionais v -1 ou v -2. Temos, então, que v -1 projetaria uma estrutura transitiva ou intransitiva, com um argumento externo agentivo, como em (71)a-b, mas não uma estrutura representativa de (71)c, pois nesta sentença “João” não é agente³⁶. Por outro lado, v -2 projetaria uma estrutura inacusativa como em (72)a, ergativa (72)b ou média (72)c, além de estruturas transitivas e intransitivas em que o argumento externo não é agentivo (71)c.

(71)

- a. “Imagens mostram que explosão interna afundou Kursk”.
- b. A Maria trabalha.
- c. O João quebrou a perna.

(72)

- a. “Cartão Visa avisa: seu cartão Visa chegou.”
- b. “O Kursk afundou dia 12 de agosto passado no Mar de Barents por razões ainda não estabelecidas.”
- c. “Verificar com cuidado se está cozido, pois o peixe cozinha rápido.”

Essa hipótese, segundo o autor, explicaria porque nas sentenças em (73) temos uma mesma raiz $\sqrt{quebr-}$ participando de construções diferentes: em (73)a o núcleo funcional v -1

³⁶ A menos que ele tenha quebrado a própria perna, ou ainda, quebrado a perna de alguém, de propósito.

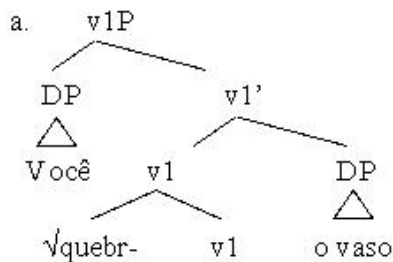
projeta uma estrutura verbal transitiva; em (73)b-c o núcleo *v*-2 projeta estruturas sem um agente, sendo que ambas são sentenças ergativas. Em (73)d temos a mesma raiz sendo inserida em um ambiente nominal, resultando no nome *quebradeira*, que não é um verbo, mas sim um nome, derivado da mesma raiz presente nas outras estruturas de (73).

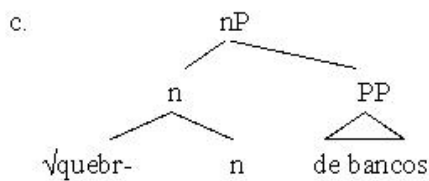
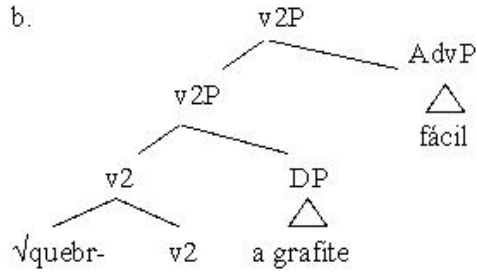
(73)

- a. “Você quebrou o vaso, então, conserte-o!”
- b. “Ela [*a grafite*] quebra fácil, não dá para fazer chapas de carbono, nem dá para transformá-la em fios. A única propriedade da grafite que é igual à dos metais é a de”
- c. “Depois que o vaso quebrou em suas mãos, ele o refez moldando outro vaso de acordo com sua vontade.”
- d. “Com base na quebradeira de bancos, pesquisador cria um modelo para detectar empresas em situação de risco.”

Em (74)a-b-c temos a representação arbórea parcial das sentenças (73)a-b-c, respectivamente:

(74)





Na sua configuração verbal transitiva, a raiz $\sqrt{\text{quebr-}}$ seleciona apenas o argumento interno, ao qual atribui o papel θ de tema; o argumento externo, é selecionado por $v1$, e desse núcleo recebe o papel temático de agente. Em (73)b não temos mais o agente expresso. O argumento interno, que em (73)a permanecia na posição em que foi gerado, deslocou-se para a posição de sujeito gramatical.

Por fim, o autor observa que há uma incompatibilidade entre $v2$ e raízes do tipo de $\sqrt{\text{destroy}}$ (“**that city destroyed*” – exemplo (12)b. no texto de Marantz, 1997). Ele nota que é possível que uma leitura média seja forçada quando $v2$ é combinado com raízes desse tipo.

Baseando-nos nessa proposta, como representar as construções médias do PB? Seriam elas derivadas por meio do núcleo funcional $v2$, o núcleo funcional não agentivo? E as médias nas quais o clítico está presente? Seriam elas projetadas por $v1$? Notemos que o SE, apesar de mostrar-se ativo sintaticamente, licenciando sentenças de finalidade e advérbios orientados ao sujeito, não é um item lexical pleno. O clítico SE não pode ser o sujeito de uma sentença, por exemplo.

(75)

- a. *SE afundou o barco.
- b. *SE escreveu a dissertação.

Ainda, como explicar de maneira satisfatória a gramaticalidade de raízes estritamente agentivas sendo verbalizada por um núcleo verbal não-agentivo? Se uma raiz como $\sqrt{\text{dirigir}}$ puder ser verbalizada pelo núcleo verbal não-agentivo v2, o que impede que uma raiz não-agentiva, como $\sqrt{\text{chegar}}$, seja verbalizada pelo núcleo agentivo v1?

5.4.2 *VoiceP*

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005), em busca de uma hipótese que explique o fenômeno da alternância ergativa sem incorrer nos problemas comuns encontrados pelas análises lexicalistas, concentram sua análise em três línguas distintas, a saber: o inglês, o alemão e o grego. Eles descrevem os tipos de argumentos que podem ser introduzidos por PPs nas sentenças ergativas em cada uma dessas línguas e também diferenças translingüísticas em relação a licenciamento verbal e restrições de seleção. A comparação translingüística dos dados dessas três línguas leva os autores a acreditar que agentividade e causatividade devem ser expressas sintaticamente por meio de núcleos funcionais diferentes.

Em inglês, os verbos que participam da alternância ergativa licenciam todos os tipos de argumento externo na sua forma transitiva: agente; causa; eventos causadores e instrumentos.

Eventos causadores e instrumentos também podem ser introduzidos como PPs, coocorrendo com sujeitos agentes.

(76) John / The earthquake broke the vase

(77)

- a. Will's banging shattered the window
- b. I cooled the soup by lowering the temperature.

(78)

- a. A stone broke the window.
- b. I broke the window with a stone.³⁷

Ainda, pode-se observar que PPs portando todos os papéis temáticos acima são lícitos também nas passivas do inglês, como vemos abaixo:

(79) The window was broken by John / by the storm / with a stone.

(80) The window was shattered by Will's banging.

Por outro lado, as sentenças ergativas, propriamente ditas, não licenciam agentes, instrumentos e nem causa/evento causador, introduzidos pela preposição 'by':

(81) *The window broke by John / with a stone

(82)

³⁷ Os exemplos (76), (77) e (78) correspondem aos exemplos (18), (19) e (20), de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005). Exemplos subsequentes também são dos autores.

- a. *The window broke by the storm
- b. *The window shattered by Will's banging.

Entretanto, as ergativas do inglês licenciam causa e evento causador introduzidos pela preposição *'from'*:

- (83) The window cracked / broke from the pressure.
- (84) The window cracked / broke from the explosion.
- (85) *The door opened from Mary / from the key.

No alemão, as sentenças transitivas de alternância licenciam todos os tipos de argumento externo. Ainda, as passivas e ergativas comportam-se exatamente como suas contrapartes em inglês.

Em grego, agentes são introduzidos por *'apo'*, instrumentos por *'me'*, causa/forças naturais são introduzidos tanto por *'apo'* ou *'me'* e eventos causadores por *'me'*. As sentenças transitivas comportam-se como as do inglês e do alemão. Entretanto, a passiva do grego, ao contrário de sua contraparte no alemão e no inglês, é sintética e é caracterizada pela presença de morfologia não-ativa. As passivas licenciam agentes e instrumentos, mas não causa e eventos causadores:

- (86)
 - a. Ta mallia um stegnothikan apo tin komotria / me to pistolaki
o cabelo meu secou-Natv por o cabeleireiro / com o secador
'Meu cabelo foi seco pelo cabeleireiro / como o secador'
 - b. ?* Ta ruxa stegnothikan apo ton ilio / me ton ilio

as roupas secaram-**Natv** por o sol / com o sol

c. ?*Ta ruxa stegnothikan me toaploma ston ilio

as roupas secaram-**Natv** com o pendurar sob o sol

‘As roupas foram secas ao serem penduradas sob o sol’

Assim como sua contraparte em inglês e alemão, as sentenças ergativas do grego não licenciam agentes, mas licenciam causa e evento causador. Entretanto, em um aspecto as sentenças ergativas do grego comportam-se de maneira bastante distinta em relação ao inglês e o alemão: elas licenciam instrumentos. Em grego, assim como no alemão, há dois tipos morfológicamente distintos de ergativas, entretanto essa diferença não influencia a distribuição de PPs (compare (87)a a (87)b e (88)a a (88)b). Entretanto, uma questão interessante dá-se em relação aos verbos que formam ergativas por meio da morfologia não-ativa, como *katastrefo* ‘destruir’ (em (87)b) ou *skizo* ‘rasgar’ (em (88)b). As sentenças formadas por esses verbos são ambíguas entre duas interpretações: a inserção de um PP modificador expressando um agente leva a uma interpretação passiva (como em (87)b)

(87)

a. *Ta mallia um stegnosan apo tin komotria

o cabelo meu secou-**Atv** por o cabeleireiro

b. (*)³⁸ To hirografo katastrafike apo tin ipalilo

o manuscrito destruiu-**Natv** por o empregado

(88)

³⁸ Conforme explicado pelos autores, essa sentença é agramatical apenas com interpretação ergativa, sendo aceitável com interpretação passiva.

- a. Ta mallia mu stegnosan me to pistolaki
o cabelo meu secou-**Atv** por o secador
- b. To pani skistike me to psalidi
o tecido rasgou-**Natv** com a tesoura

Dessa forma, assim como no inglês e no alemão, as sentenças ergativas do grego não licenciam agentes e licenciam causa e evento causador. Mas, ao contrário do inglês e alemão, elas licenciam instrumento.

Dessa maneira, a gramaticalidade de *'from-PPs'*, *'durch-PPs'* e *'apo/me-PPs'*, indicando causa e evento causador, aponta para a presença de uma causa implícita em sentenças ergativas. Dessa maneira, a diferença entre passivas e ergativas em inglês, alemão e grego deve ser expressa em termos de agentividade e causação, e não em termos da presença vs. ausência de um argumento externo implícito. O fato de agentes só serem licenciados em passivas sugere que há agentividade, de fato, somente nesse tipo de construção.

Por fim, os autores mostram diferenças em relação a restrições verbais e seleção de argumentos. Os autores explicam que há verbos que, de acordo com LRH e Reinhart (cf. seção 4.2), deveriam permitir alternância, mas não o fazem em inglês e alemão, apenas sendo possível a alternância em grego.

(89)

- a. John / the fire / the bomb destroyed the manuscript
- a'. * The manuscript destroyed
- b. John / the fire / the bomb killed Mary
- b'. *Mary killed.

(90)

- a. O Petros / i fotia / i vomva katestrepse to paketo
o Pedro / o fogo / a bomba destruiu o pacote
- b. To paketo katastrafike apo / me tin fotia / me tin vomva
o pacote destruiu-**Natv** por /com o fogo / com a bomba

(91)

- a. O Petros / o sismos / i vomva skotose ti Maria
o Pedro / o terremoto / a bomba matou a Maria
- b. I Maria skotothike apo / me ton sismo / me tin vomva
a Maria matou-**Natv** por/com o terremoto com a bomba

Por fim, certas combinações de V+Obj, que de acordo com as autoras mencionadas, não deveriam aceitar alternância, o fazem em grego.

(92)

- a. He broke his promise / the contract / the world record.
- a' *His promise / the contract / the world record broke
- b. The dressmaker lengthened the skirt
- b'. *The skirt lengthened

(93)

- a. O athlitis espase to simvolaio / to pagkosmio record
o atleta quebrou o contrato / o mundial recorde
- b. To simvolaio / to pagkosmio record espase
o contrato / o mundia recorde quebrou-**Act**

Segundo a generalização apontada por LHR de que os ‘*verbos transitivos que restringem seu sujeito a agente ou agente e instrumento e não permitem causa não formam anticausativos*’ a alternância em grego não deveria ser possível. Entretanto ela o é. Por que?

Os autores constroem sua hipótese assumindo Kratzer (2003), que adota uma decomposição sintática dos verbos de mudança de estado em VOICE e um componente CAUSE, como em (94). Essa estrutura é compartilhada por passivas, ergativas e transitivas.

(94) [VOICE [CAUS [root]]]

Segundo os autores, CAUS introduz uma relação causal entre um evento causador (o argumento de CAUS) e o estado resultante denotado pela raiz verbal mais o tema. Já, ‘VOICE’ é responsável pela introdução do argumento externo e possui traços relacionados à agentividade e maneira (manner). Diferentes traços de ‘VOICE’ estão envolvidas na formação de passivas, anticausativas e causativas. É a presença de traços +/- AGENTE (agentividade), em ‘VOICE’, a responsável por licenciar AGENTE e CAUSA como argumento externo em construções ativas e passivas.

Nas ergativas, sugerem eles, há duas opções: o núcleo de voz pode estar totalmente ausente ou ser realizado como Voice[-ag], com um argumento implícito de causa. Essa opção está disponível para todas as línguas tratadas na análise dos autores. As línguas diferem na possibilidade de terem disponível a segunda opção, isto é, ter o núcleo de voz realizado como Voice[-ag].

We expect languages to show the following two patterns of variation: (i) in a language where the Voice[-ag] head is possible in passives, anticausatives must appear without Voice[-ag]; (ii) in a language where the passive is necessarily agentive, the Voice [-ag] head is free to be used in an anticausative interpretation. We propose that English and German instantiate pattern (i), while Greek realises pattern (ii). (Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2005, p. 17)

Segundo os autores, ‘VOICE’ agentiva (VOICE [+AG]) licencia AGENTES (e PPs instrumentais), enquanto que ‘VOICE’ não-agentiva (VOICE [-AG]) licencia apenas CAUSA. Ainda, se o núcleo ‘VOICE’ é ativo, então o papel theta relevante será realizado na posição de especificador dessa projeção, se é passivo, o papel theta está implícito.

De acordo com esta hipótese, não há direção na alternância, já que nenhuma das duas construções é derivada diretamente da outra, mas ambas derivam de raízes acategoriais, disponíveis para qualquer operação sintática.

(95)

- a. √raízes agentivas (matar, assassinar, escrever)
- b. √raízes de causa externa (destruir, matar)
- c. √raízes de causa inespecificada (abrir, quebrar)
- d. √raízes de causa interna (crescer, florescer)

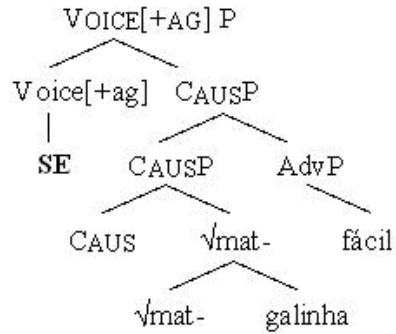
Os autores propõem que raízes podem pertencer a diferentes classes dependendo de sua natureza enciclopédica, como vimos em (66). Essa proposta vai ao encontro do que Marantz sugere, tendo entretanto baseado tal sugestão em dados completamente diferentes.

5.4.4 As Médias do PB

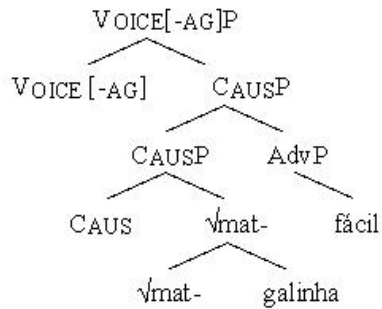
De que maneira podemos aplicar as conclusões dos autores às construções médias do PB? Como vimos anteriormente, as construções médias nessa língua possuem um agente implícito, independentemente de o clítico estar presente na derivação ou não. Dessa maneira, e dado o fato de essas construções serem formadas por raízes agentivas, entendemos que há a necessidade da presença do núcleo de voz, licenciando essas raízes em um ambiente verbal. Entretanto temos dois núcleos de voz diferentes presentes nessas construções.

Propomos que para a derivação de sentenças médias os dois núcleos de voz estão disponíveis. Dessa maneira, a construção que apresenta o clítico medial possui um núcleo de voz [+ag], mas a seleção de um argumento externo é bloqueada pela inserção do clítico. A construção sem o SE também possui um núcleo de voz, entretanto esse núcleo é defeituoso no sentido em que não projeta o argumento externo (cf. ação anterior). As seguintes estruturas são possibilidades de derivação para as construções médias do PB.

(96) Média com o SE



(97) Média sem o SE



O advérbio pode ocupar duas posições diferentes, dependendo da sua natureza. Advérbios como 'fácil' e 'rápido' ocupam uma posição adjunta ao núcleo de causa, visto que são modificadores do predicado verbal e não da sentença como um todo, isto é, advérbios dessa natureza não tem escopo sob o núcleo de voz, sua predicção estando restrita à ação que é designada pela raiz. Por outro lado, advérbios e locuções adverbiais como 'de propósito' e 'intencionalmente' são modificadores do argumento externos, tendo, dessa maneira, escopo sobre o núcleo de voz. Tais advérbios ocupam uma posição adjunta ao núcleo de voz.

É o núcleo VOICE[+ag], do qual propomos que o SE é a expressão fonética, o responsável por licenciar advérbios orientados ao sujeito e sentenças de finalidade e não o SE propriamente dito. O fato de sentenças nas quais o SE não está presente não licenciarem tais advérbios e tais sentenças de finalidade dá-se pelo fato de o núcleo VOICE[+ag] não estar presente. Nas sentenças médias sem o SE, o núcleo que as projeta não é agentivo e, dessa maneira, não pode licenciar advérbios que o requerem e, tampouco, licenciar a anáfora presente nas sentenças encaixadas de finalidade.

Por fim, apontamos que a divisão feita, neste trabalho, entre sentenças médias e sentenças ergativas genéricas mostra-se coerente, no sentido em que as ergativas genéricas não necessitam da presença de um núcleo de voz. Tais sentenças no PB comportam-se exatamente como aquelas do inglês e do alemão, licenciando causa e evento causador, como vemos pelos exemplos abaixo:

(98)

- a. Barco afunda com a chuva forte/com o forte balançar das ondas.
- b. Roupa seca com sol forte/ao pendurá-la no varal.

Sabemos que ainda falta muito para uma total compreensão das construções médias, contudo, esperamos ter podido apontar um caminho possível de análise econômico e eficiente. Ainda, esperamos que, em uma análise futura, todas as alternâncias de diátese verbal possam ser tratadas de uma mesma maneira, isto é, mostrem-se sendo governadas pelos mesmos princípios e, acreditamos, que nossa análise caminha nessa direção.

6. Considerações Finais

A Morfologia Distribuída é uma teoria que tem, como princípio norteador, considerações minimalistas recentes (Chomsky, 1995). Os lingüistas que trabalham com essa perspectiva teórica buscam a forma mais otimizada de teorizar, isto é, quanto menos, melhor: um axioma é melhor que dois, um algoritmo é melhor que dois etc. Essa idéia de economia teórica é conhecida como a Navalha de Occam (Occam's Razor).

A Navalha de Occam é um princípio lógico atribuído ao lógico inglês William de Ockham (século XIV). O princípio afirma que a explicação para qualquer fenômeno deve assumir apenas as premissas estritamente necessárias à explicação do fenômeno e eliminar todas as que não causariam qualquer diferença aparente nas predicções da hipótese ou teoria.

O fenômeno lingüístico conhecido como construção média vem suscitando as mais diversas análises (cf. Keyser e Roeper, 1984; Ackema e Schoolermmmer, 1994; Stroik, 1992, 1999, Rodrigues, 1998). Autores trabalhando com esse tema discordam, fundamentalmente, em relação a três idéias: a primeira diz respeito ao processo de formação dessas estruturas; a segunda refere-se à projeção sintática do argumento externo e, por fim, o terceiro fator de discórdia nessas análises refere-se ao nível gramatical em que esse argumento externo encontra-se, isto é, se ele está presente apenas no léxico ou se ele é projetado para a sintaxe.

Neste presente trabalho, nos propusemos a dar uma análise mais enxuta e uniforme para as construções médias do PB, visto que essa língua traz dados muito interessantes para a discussão. No PB, as construções médias podem ter presente em sua estrutura o clítico SE, mas também podem ser formadas sem ele. Esse fato já é interessante a respeito dessas construções por si só, já que em outras línguas, como o inglês, o alemão, o italiano e o francês, médias ou têm

esse clítico na sua estrutura ou não o tem. A variação em relação à presença desse elemento não é encontrada em tais línguas.

Dado esse fato – a opcionalidade do clítico nessas construções – o primeiro passo de nossa investigação foi o de verificar até que ponto esse elemento afetava a estrutura em questão. Na seção 5.1, vimos que as orações médias do PB com o SE podem licenciar a presença de advérbios orientados ao sujeito e sentenças de finalidade, licenciamento esse que não ocorre nas sentenças em que o clítico não está presente.

Em seguida, a observação central da seção 5.2, referia-se ao fato de que os falantes entendem como agentivas mesmo sentenças em que o elemento pronominal não aparece. Para dar conta desse fato recorreremos à proposta de Marantz (1997). O autor afirma que informações sintático-semânticas da raiz podem ser percebidas em uma sentenças mesmo que não haja a projeção sintática dessas informações.

Por fim, na tentativa de sugerir uma estrutura para essas construções, fundamentamo-nos na proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2005). Nesse trabalho os autores analisam alternâncias de diátese, em inglês, alemão e grego, e mostram que o melhor tratamento a ser dado ao fenômeno da alternância é sintático. Eles propõem (cf. seção 4.2 e 5.4) decompor o verbo em uma raiz, um núcleo de causa e um núcleo de voz. As diferentes alternâncias são o resultado da combinação desses núcleos, seus traços e as raízes participantes na construção.

Para a análise das construções médias, sugerimos que o PB têm dois núcleos de voz disponível para tais construções. As sentenças sem o SE são projetadas por um núcleo de voz agentivo, daí sua capacidade de licenciar advérbios orientados ao sujeito e sentenças de finalidade. As orações mediais em que o clítico não está presente são projetadas por um núcleo de voz não-agentivo, incapaz de projetar um agente. Essas orações não licenciam os advérbios mencionados e também as sentenças de finalidade.

Por fim, acreditamos que a divisão que fazemos entre sentenças médias e sentenças ergativas pode ser muito proveitosa para análises futuras. Entendemos que essa divisão é necessária visto que as raízes que participam dessas duas construções são distintas e, dessa forma, sua estrutura também o é. O objetivo final para o qual pretendemos ter contribuído é aquele em que todas as alternâncias de diátese possam ser tratadas de maneira semelhante, sendo derivadas por meio da interação das informações contidas na raiz e de núcleos verbalizadores universais.

- ACKEMA, P. & SCHOOLERMMER, M. 1994. "The middle constructions and the syntax-semantics interface". In: *Lingua* 93: 59-90.
- _____. 1995. "Middles and non-movement". *Linguistic Inquiry* 26: 173-197.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. & SCHÄFER, F. 2005. "The properties of anticausatives crosslinguistically" to appear in M. Frascarelli (ed.) *Phases of Interpretation*, Berlin: Mouton
- AUTHIER, J.-Marc & REED, L. 1994. Micro-Parametric Variation in Romance Middle Constructions. Presented at the 18th Annual Meeting of the Atlantic Provinces Linguistic Association. University of New Brunswick-Saint John.
- BARSS, A. & LASNIK, H. 1986. "A note on anaphora and double objects". *Linguistic Inquiry* 17.347-54.
- BHATT, R. e Embick, D. 2004. 'Causative derivations in Hindi.' ms. University of Texas at Austin e University of Pennsylvania.
- CANÇADO, M. (2003) Um Estatuto Teórico para os Papéis Temáticos. Ana Lúcia Muller, Esmeralda Negrão e Maria José Foltran (orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Editora Contexto, pgs. 95-124.
- _____ (2005) Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*. V.21.1, p. 23-56.
- CAMACHO, R. 2003. "Em defesa da categoria de voz média no Português". In: *Delta*, 19:1, 2003.

- CHOMSKY, N. 1970. "Remarks on nominalization". In R. A. Jacobs and P. S. Rosenbaum, eds. *Readings in English transformational grammar*, pages 232–286. Waltham: Ginn and Company. Reprinted in *Studies on Semantics in Generative Grammar*, 1–61. The Hague: Mouton.
- _____ 1981. *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht.
- _____ 1993 "A Minimalist Program for Linguistic Theory", in K. Hale e S. Keyser (eds.), *The View From Building 20: Essays in Honor Of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1-52.
- _____ 1995 *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CINQUE G. 1988. "On *si* constructions and the Theory of Arb." In: *Linguistic Inquiry* 19: 521-581. MIT Press, Cambridge, MA.
- CIRÍACO, L. (2007). A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas. Dissertação. UFMG.
- CYRINO, S.M.L. (2003). "Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos" *Letras de Hoje* 38 (1): 31-47.
- EMBICK, D & HALLE, M. 2005 "Word Formation: Aspects of the Latin Conjugation in Distributed Morphology". Mouton de Gruyter.
- EMBICK, D. 1996. 'Causativization in Hupa.' in J. Johnson, J Juge, and J. Moxley, eds., *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society* 22, 83-94.
- EMBICK, D. & NOYER, R. 2004. "Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface".
- FAGAN, S.M.B. 1992. "The syntax and semantics of middle constructions. Cambridge: Cambridge University Press.

- HALE, K. & KEYSER, J. 1991. "On the Syntax of Argument Structure". Cambridge: MIT Working Papers.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. 1993. 'Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.' In *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge, 111-176.
- HALLE, M. 1997. "Distributed morphology: Impoverishment and fission." MIT Working Papers in Linguistics 30: 425-449.
- HARLEY, H. & NOYER, R. 1999. "State-of-the-Article: Distributed Morphology". GLOT 4.4.
- _____ 2000. "Formal versus Encyclopedic Properties of Vocabulary: Evidence from Nominalisations. In: *The Lexicon-Encyclopedia Interface*. Ed; Peters, B. Elsevier Press.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. 2005. *Understanding Minimalism*. Cambridge University Press.
- JACKENDOFF (1990) *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT Press.
- JAEGGLI, O.A. 1986. "Passive". In: *Linguistic Inquiry* 17: 587-622. MIT Press, Cambridge, MA.
- KEYSER, S. & ROEPER, T. 1984. "On the middle and ergative constructions in English". *Linguistic Inquiry* 15: 381-416.
- KRATZER, A. 2002. *The Event Argument and the Semantics of Verbs*. Draft, <http://semanticsarchive.net/>.
- KLAIMAN, M.H. 1991. *Grammatical Voice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LARSON Richard (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19(3), pp. 335-391.

- LEVIN, B. & RAPPAPORT HOVAV, M. 1995. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Linguistic Inquiry Monograph 26, MIT Press, Cambridge, MA.
- LEVIN, B. 1993. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*, University of Chicago Press, Chicago, IL.
- LIDZ, J. 1999. 'Valency in Kannada: evidence for Interpretive Morphology.' in Dimitriadis, Lee, Moisset and Williams eds., Penn Working Papers in Linguistics 5:2, 37-63.
- LYONS, J. 1968. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARANTZ, A. 1997. "No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the Privacy of your Own Lexicon". U. Penn. Working Papers in Linguistics. Volume 4.2.
- MARANTZ, A. P. (1984) *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): MIT Press.
- MARTINS, A. M. 2003. "Construções com *se*: mudança e variação no português europeu". *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, ed: Castro, I. e Duarte, I. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 163-178.
- MARTINS, A. M.; NUNES, J. & RAPOSO, E. P. 2005. Coerced Inflected Infinitives. Ms., Universidade de Lisboa, Universidade de São Paulo, and University of California at Santa Barbara.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. & LOPES, R. E. V. 1999. "Manual de Sintaxe" Florianópolis: Insular.
- NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. 2006. *Diathesis alternations in Brazilian Portuguese*. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- _____ 2007. "Estratégias de impessoalização no português brasileiro". *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. Ed: Fiorin, J. e Petter, M.. São Paulo: Contexto, 2007.

- NUNES, J. 1991. "Se apassivador e SE indeterminador: o percurso diacrônico no português Brasileiro." In: Caderno de Estudos Lingüísticos, nº20: 33-58. Campinas, SP.
- _____ 1995. "Ainda o famigerado SE". In: D.E.L.T.A., Vol. 11, nº2: 201-240.
- PARSONS, T. 1990. "Events in the Semantics of English". Cambridge, Mass: MIT Press.
- RAPOPORT, T.R. 1999. "The English Middle and Agentivity". *Linguistic Inquiry* 30: 147-155.
- RAPOSO, E. 1992. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*, Lisboa: Editorial Caminho.
- RODRIGUES, C. 1998. *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas Médias no português do Brasil: Um Estudo Comparativo*. Dissertação de Mestrado. UnB.
- SILVEIRA, língua (2007). "*Eu se diverti muito: mais tinta sobre os clíticos no pb*" in *Anais do Seta*, 2007.
- SOUZA, P. (1999) *A alternância causativa no Português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese de Doutorado. USP.
- STROIK, T. 1992. "Middles and movement". *Linguistic Inquiry* 23: 127-137.
- _____ 1999. "Middles and Reflexivity". *Linguistic Inquiry* 30: 119-131.
- TARALLO, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*, Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania.
- WHITAKER-FRANCHI (1989). *As construções ergativas: um estudo sintático-semântico*. Dissertação de mestrado. UNICAMP.
- ZIBRI-HERTZ, A. 1993. "on Stroik's analysis of English middle constructions. *Linguistic Inquiry* 24: 583-589.

